

UMA ANTOLOGIA DE VÁRIOS AUTORES

Os
Descendentes da Noite



CLÃ DA LITERATURA

Uma Antologia de vários Autores

**OS DESCENDENTES DA
NOITE**

Clube do Livro Angola

Título: Os Descendentes da Noite
Autor: Clube do Livro Angola
Revisão: Sweet Zompira
Edição: Sweet Zompira
Capa: Gilberto Firmino
Distribuído por: Clã da Literatura

Copyright © 2020 por Clube do Livro Angola
Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Conteúdo

Prefácio

Sweet Zompira

Capítulo I – O Início

Sweet Zompira

Capítulo II – Jay Otchaly

Lino Tempero Músico

Capítulo III – Um Homem Misterioso

Alfredo Dobia

Capítulo IV – 100 contra 1

Ray

Capítulo V – O Rapaz Misterioso

Andrade Edson FC

Capítulo VI – A Organização

Adrícia Netto

Capítulo VII – A Morte e o Ressurgir

Miguel Júnior III

Capítulo VIII – O Outro Lado do Jogo

Guel de Almeida

Capítulo IX – A Pintura Enigmática

Kayenga Campos

Capítulo X – O Lado Obscuro

Filipe M. Muku

Capítulo XI – O Princípio do Fim

Dê Garrett

Nota

Sweet Zompira

PREFÁCIO

Esta antologia é o resultado de uma actividade criada pelo **Clube do Livro Angola** com o intuito de estimular a criatividade de cada escritor, bem como fornecer momentos de entretenimento e conhecimento aos leitores. *Os Descendentes da Noite* é um livro cheio de fantasia, mistérios, acção, tragédias, personagens cativantes e odiosos, contos divididos por capítulos com histórias individuais incríveis representando a união dos criadores de cada personagem e temos a certeza de que gostarás muito.

Sweet Zompira

Aileen foi a personagem que escolhi na colecção de imagens publicada para a actividade porque quando a vi percebi logo que ela possuía as características que eu gostaria de usar em um personagem para esse tipo de história e então a peguei.

Foi um desafio escrever a minha parte da história, pois é o primeiro conto e o resto se baseou nele. O medo invadiu-me mas decidi investir e foi maravilhoso fazer parte desta actividade.

Guel de Almeida

Participar dessa antologia foi uma experiência incrível. Normalmente escrevo poemas, e escrever sobre um personagem e ter que enquadrar no contexto dos contos anteriores foi super difícil.

Primeiro pensei nas acções principais e como interligar com os contos passados, que até foi razoavelmente difícil. Depois pensei nas falas, e aí sim, sinto que poderia ter feito mais. As coisas depois começaram a fluir e penso que o pessoal do clube gostou. A experiência foi incrível tanto que estou pensando em escrever outros contos.

Alfredo Dobia

Escrever em uma história colectiva foi um desafio maravilhoso. Mais uma vez pude ver que existem aspirantes a escritores muito bons e que me fizeram acreditar que ainda teremos obras fantásticas futuramente. Espero que você que está a ler a nossa antologia divirta-se tanto quanto nós ao escrevê-la.

Créditos ao hipnólogo clínico e psicólogo **Rogério Ricardo** pela matéria sobre a hipnose antiga.

Boa leitura!

Adrícia Netto

Bom, começo por dizer que nunca imaginei-me escrevendo um texto que inclui umas cenas de acção. E senti que o desafio da história colectiva chegou bem no momento certo, pois entreguei-me de tal maneira... Nem eu mesma sabia que podia entregar-me daquele jeito num desafio do clube. Apesar do meu conto ter tido mais diálogos do que outra coisa, foi com certeza uma viagem bem intensa. Criar o Three M foi incrível, usei um pouco da minha personalidade para criá-lo.

Desenvolver as falas dos personagens de modo a não fugir as características que cada autor havia incluído, e fazer descrições detalhadas, foram as partes que mais complicaram-me. Até eu mesma fiquei admiradíssima com o resultado final. A reviravolta foi a parte que mais gostei ao escrever o texto, Three M surpreendeu-me também (risos).

Eu queria ter estendido mais, mas achei que perderia a graça... Porém, não me arrependo nenhum pouco do final que dei ao conto. Espero que chegue logo a segunda temporada do desafio dos Descendentes da Noite.

Ray

Bem...sobre a minha experiência com o desafio, tenho a dizer que vi um fumo enorme, mas é fumo mesmo. Tanto que o meu texto não foi lá grande coisa, por outro lado, achei excitante porque aquilo me desafiava a sair da minha zona de conforto, que como o pessoal do clube sabe, é escrever textos macabros. Ademais, os textos dos meus colegas deixaram-me maravilhado.

Lino Tempero Músico

O que me motivou a participar e escrever nesta antologia foi o facto de eu saber que era uma oportunidade para trabalhar o meu lado criativo para textos de carácter narrativo, e o meu personagem, Jay Otchaly foi inspirado principalmente na cultura asiática Japonesa “Samurai”.

Andrade Edson FC

Participar dessa antologia foi de certeza a melhor experiência que já tive neste universo da literatura. Nem sei de onde veio a minha ousadia de poder participar numa compilação com tantos *feras* da arte escrita. Mas foi um aprendizado enorme, absorvi bastante com os textos dos demais participantes e claro, percebi que tenho muitos degraus a subir ainda.

Tentei de tudo, dar o meu melhor e se calhar isso fez com que eu falhasse em alguns aspectos no meu texto... mas fico feliz do tudo que ele teve e com orgulho da minha ousadia.

Agradeço a todos os outros escritores que deram a alma nesta antologia e espero que haja mais e mais actividades do género para poder expandir e melhorar as minhas habilidades.

Dê Garrett

A minha participação foi das mais desafiadoras que tive, isso desde que comecei a “escrever” prosa/conto. Principalmente porque era o último, o que levou-me a sentir mais responsabilidade, pressão e receio de estragar textos magníficos que os *feras* já tinham feito.

Recebi críticas por parte dos “colegas-professores”, anotei e espero vagamente que tenha uma próxima vez, para eu divertir-me e trazer um texto mais natural e autêntico possível.

Quanto à experiência, foi literalmente ganho por mim, foi igualmente uma parte essencial para eu poder notar que ainda tenho muito a aprender, e espero integral e profundamente que tenha mais actividades como essa, pois, creio que só tenho a ganhar.

CAPÍTULO I – O INÍCIO

Aileen Mercian não era uma rapariga rica comum. Para começar, a socialização a incomodava, pois os jovens de sua cidade preocupavam-se com assuntos que não a atraíam: relacionamentos amorosos, drogas, festas, etc. Ao contrário de muitos da pequena cidade de *Castlana*, ela preocupava-se com assuntos como justiça e punições.

Fora criada pelo seu tio Inst, irmão de seu pai, desde o momento que seus pais foram brutalmente assassinados por uma organização secreta chamada *Os Descendentes da Noite* quando tinha somente quatro anos de idade. Ela cresceu ouvindo a história de como os pais foram assassinados, pois seu tio vivia inconformado por não conseguir vingar o seu irmão e sua cunhada. Por conta disso, Aileen tinha apenas um objectivo na vida: descobrir a localização da organização e matar todos eles com suas próprias mãos.

Aileen focou-se em adquirir várias habilidades. Conforme foi crescendo, criou uma paixão por artes marciais como *Karaté* e *Muay Thai*, tornando-se mestre em todas elas. E não parou por aí. Também adquiriu habilidades em *Armas de Fogo*, *Armas Brancas*, *Ciências da Computação*, *Astronomia* e *Literatura*. Todo esse processo contribuiu para a sua personalidade calma, calculista, destemida e sincera, pois nada mais a importava.

Aos seus dezassete anos, possuía uma beleza estonteante. Cabelo lilás — um traço de família por parte de sua mãe —, olhos castanhos-claros como o mel e um corpo bem definido com algumas tatuagens que ela amava. Suas roupas eram sempre desportivas não importava a ocasião. Tops, t-shirts, calças, ténis e casacos. Isso era a única coisa que incomodava o seu tio quando a levava para jantares de negócios. Mas nunca conseguiu fazê-la mudar porque ela era muito persistente.

Aileen terminou de vestir-se — calça preta, top lilás, casaco e ténis preto — e olhou para a cabeceira da sua cama. Sobre ela estava um quadro com a fotografia dos seus pais. Sua mãe estava sorrindo e olhando para o seu pai que olhava para a câmara. Ela acariciou os rostos dos dois e a tristeza a invadiu e não tardou a raiva também. Abanou a cabeça e decidiu ir até o jardim onde deitou-se no gramado verde e fresco. Amava olhar para o céu nocturno cheio de estrelas. Ela admirava a imensidão do Universo e queria entender apenas um pouco sobre o mesmo. Essa foi uma das coisas que a fez estudar Astronomia.

— Seu pai também gostava muito de olhar as estrelas — disse um homem mais velho, de cabelos grisalhos e olhos azuis que se deitou ao lado dela.

— Tal pai, tal filha.

Sorrindo, olhou para o homem com carinho.

— Sterk, eu não lembro-me dos meus pais mas sempre que estás comigo sinto-me perto deles.

Sterk sorriu. Fora amigo íntimo do pai da Aileen e prometeu à ele cuidá-la. Por isso tornou-se mordomo na casa do tio dela. Para ele o importante era protegê-la de tudo e de todos. E faria isso até não poder mais. Aileen amava tanto Sterk que ele era o seu confidente, pois Sterk escutava todos os seus lamentos de raiva e tristeza e a consolava.

— O amor deles por você é tão grande que eu sou apenas um transmissor. Sou como um roteador deles — disse e ambos riram.

— Andou estudando Ciências da Computação, é?

— Queria impressionar e consegui — sorrindo.

— Seria bom se o meu tio fosse um roteador também. A propósito, onde ele está?

O sorriso desapareceu da boca do Sterk quando mencionara o tio Inst.

— Está numa reunião. Como sempre.

— Já imagino. Reuniões chatas que ele insiste que eu vá vestida como uma...

Aileen parara de falar quando ouviu o alarme da casa tocando. Ela e Sterk levantaram-se rapidamente.

— É o alarme de invasão! Droga! Não pensei que fosse acontecer agora — disse o Sterk pegando na mão da Aileen e a levando para dentro de casa.

— Acontecer o quê? Do que você está falando, Sterk? — Perguntou enquanto via ele tirar duas espadas de um armário.

— Minha menina — pegando no ombro dela —, nada é o que parece. Você vai ter que fugir daqui. Suba para o seu quarto e esconda-se no guarda-roupa. Eu vou atrasá-los e depois vou ter contigo — disse com as mãos na porta que dá acesso ao pátio de entrada da casa.

— Nem pensar. Eu vou lutar também e não se fala mais nisso — disse determinada.

— Havia esquecido de como você é persistente.

— Eu não passei a vida treinando apenas para bater em alguns homens que se comportam mal aqui nessa cidade. Se esses homens me querem então eles me terão.

Apesar da situação, Sterk a olhou orgulhoso. Ela se parecia com o seu grande amigo falando quando jovem, quando preparavam-se para um combate contra *Os Seres das Sombras* dentro da organização.

— Não vai levar armas?

— Armas só em último caso. A minha melhor arma é o meu corpo. Você sabe que eu gosto de sentir a dor dos meus adversários na minha pele. Mas vou levar essa por precaução — pegando uma *KSG-15* verde e preta, a pendurou nas costas.

Sterk sorriu de lado e os dois foram para o pátio.

O pátio estava cheio de corpos. Todos os funcionários da casa estavam mortos, desde os seguranças aos encarregados de limpeza. Aileen os olhou com dor e culpa. Havia crescido com eles e morreram por sua culpa. Não se perdoaria tão fácil e se vingaria por todos eles.

Dez homens estavam frente ao portão, preparados para atacar. Todos eles vestidos de preto e com as cabeças cobertas. Alguns tinham espadas e outros contavam apenas com os seus punhos.

— Não matem a rapariga, como já sabem — disse um deles olhando para a Aileen.

Os outros assentiram com a cabeça e partiram para o ataque. Os homens que estavam com espadas cercaram o Sterk e os que estavam sem armas cercaram a Aileen que posicionou-se estalando o pescoço. Era a primeira luta que enfrentaria com adversários à altura e não podia falhar.

Você não pode falhar. Tem que acabar com todos eles.

Aileen travou o primeiro golpe com as suas duas mãos criando uma barreira frente a sua cabeça e em seguida acertou em cheio o pescoço do seu atacante com os dedos da mão. O homem levou a mão ao pescoço, cambaleando para trás com dificuldade em respirar por causa da dor latejante. O segundo optou por um pontapé rasteiro que Aileen desviou pulando e o atingiu com o pé na cara. Na tentativa de atingir a cara de Aileen com um soco, ela se desviou para a

esquerda pegando a mão do terceiro homem e aplicou um *morote* perfeito. O homem caiu de costas no chão, dolorido. Os dois homens que ainda não haviam apanhado, vendo os seus parceiros no chão, encheram-se de raiva e investiram ao mesmo tempo com toda sua força contra o corpo de Aileen. Os três caíram no chão e ela sentiu a dor na coluna. Havia caído sobre sua arma. Um dos homens a agarrou por trás, prendendo suas mãos. O outro levantou-se e começou a golpeá-la na cara e no abdômen.

Enquanto isso, Sterk acabara de cortar o pescoço do segundo homem que tentara atingi-lo com a espada no estômago, e continuava defendendo habilmente o ataque dos outros com as suas duas espadas. Apesar da idade, ele ainda sabia se defender.

Aileen travou o golpe que a atingiria no estômago mais uma vez levantando o pé esquerdo e em seguida golpeou o homem com o mesmo pé. O homem afastou-se um pouco tonto e ela aproveitou dando uma forte cabeçada ao homem que a prendia por trás. Ele caiu desmaiado.

— Que cabeça dura — disse ela levando uma das mãos à sua cabeça que doía um pouco.

Os outros quatro prepararam-se para atacar de novo e ela defendeu-se com hábeis técnicas de Karaté e acabou por derrubar todos e de pronto ouviu um gemido de dor. Rapidamente olhou para onde Sterk estava e viu seu peito atravessado pela espada de um dos homens. Sterk caiu de joelhos. Aileen rapidamente tirou sua arma e com uma mira perfeita atingiu o joelho esquerdo do homem que largou a espada quando o tiro o atingiu e caiu no chão. Aileen correu até Sterk que continuava com suas espadas nas mãos.

— Não! Sterk! — Chorando enquanto o segurava. — Desculpe-me, desculpe-me... Eu não consegui proteger você. — Suas lágrimas misturando-se com o sangue em seu rosto.

Sterk largou suas espadas e com esforço retirou a que o atingira. Uma jorrada de sangue escorreu de seu corpo. Ele apoiou a cabeça nos braços da Aileen.

— Viu? Mesmo velho matei... quase todos eles — sorrindo.

— Eu vou chamar uma ambulância e... — dizia desesperada.

— N-não. Minha... hora chegou — disse e tossiu sangue. — Você tem que fugir... daqui. Leia isso quando estiver longe... daqui — disse tirando um papel amassado do bolso de sua calça e a entregando.

Aileen recebeu o papel e guardou no bolso do seu casaco.

— Minha menina... — acariciando o rosto ensanguentado dela.

Quando a mão do Sterk caiu ao chão, ela soube que a vida abandonara o corpo dele. Desolada o abraçou e gritou de raiva. Seu coração ardia de dor. Deitou-o no chão com cuidado. Pegou sua arma, disparou nas cabeças dos homens que a atacaram e depois voltou-se para o assassino do Sterk que a encarava, com o joelho ensanguentado. Ela aproximou-se e descobriu o rosto.

— Você surpreendeu-me bastante, menina — disse a olhando.

— Quem os mandou? — Encarando-o friamente.

O homem nada disse.

— Quem os mandou?! — Gritou enfurecida.

O homem permaneceu calado e Aileen optou por outra abordagem.

— Você sabia que as balas de uma KSG-15 se disparada de uma pequena distância perfuram os ossos? Isso causa uma dor terrível — olhando para a arma que tinha na mão. — É uma teoria que nunca pratiquei — encostando a arma no joelho direito dele, ela disparou.

O homem gritou cheio de dor.

— E então? Não vai falar? — Apontando a arma para um dos braços dele, disparou.

O homem gritou mas manteve-se calado.

— Não vai dizer nada? Tudo bem. — Colocou a arma na coxa esquerda e disparou outra vez.

O homem gritou mais alto. Em seguida Aileen encostou a arma na parte inferior esquerda do tórax do homem. E quando ia disparar mais uma vez o homem falou.

— Não! — Sentindo todo tipo de dor percorrendo seu corpo.

Aileen o olhou.

— Não sei quem ele é. Ele liga para mim através de um número privado. Nunca o vi. Eu juro! — Gemendo.

Ela o revistou e encontrou um telemóvel.

— Está bloqueado. Te darei o código se você prometer não atirar mais em mim.

Ela mexeu no telemóvel durante alguns segundos e o desbloqueou. O homem a olhou surpreso.

— É um número privado. Não vais conseguir nada — continuou.

Ignorando-o mexeu durante mais alguns segundos no telemóvel e o levou à orelha.

— Afinal as minhas aulas de Ciências da Computação não foram em vão — disse ouvindo o som de chamada.

Aileen apertou o telemóvel quando ouviu o *Alô* do outro lado da linha.

— *Como você conseguiu ligar para mim?*

Colocando no altifalante, ela fez um sinal para o homem responder.

— Tenho os meus truques, senhor. O trabalho está sendo executado — respondeu olhando para ela.

— *Sem erros* — disse e desligou.

Ela atirou o telemóvel no chão. Estava enfurecida como nunca. As lágrimas voltaram a visitar o seu rosto e as limpou com raiva. Não choraria.

— Podes deixar-me ir. Já fiz o que querias.

Aileen o olhou com raiva e afastou a arma do corpo dele. O homem suspirou aliviado mas seu alívio desapareceu quando ela pegou a espada que matara Sterk e do mesmo modo a enfiou no peito dele. A espada atravessou o coração ao meio e saiu pelas costas. Ela viu lentamente os olhos dele ficarem brancos, sem vida. Estava destroçada por dentro, cheia de raiva, ódio, tristeza e rancor. Olhou para o Sterk no chão e o beijou carinhosamente na testa.

— Tenho que fazer justiça por você e por todos daqui, Sterk — disse levantando-se e em seguida saiu da casa.

Inst estava sentado na sua cadeira vermelha de costas para a mesa enquanto falava ao telefone.

— Não se preocupe. Ela estará pronta para lutar ao nosso lado.

— *Não tenho tanta certeza. Quem te garante que vai aceitar os nossos ideais?*

— Ela acredita que os Descendentes da Noite são os responsáveis pela morte dos pais. E com o ataque de hoje, ela vai acreditar sem duvidar e vai aceitar.

— *Tudo bem, então. Se você diz. Mas se ela souber que foi você quem matou os pais?*

— E quem dirá que eu matei os pais dela? Não seja idiota. Eu tenho tudo nas minhas mãos.

Ele não respondeu.

— *Alô? Alô?* — Girou a cadeira e deparou-se com o olhar frio da Aileen. — Aileen! Que susto, querida! — Pousando o fone. — Como você chegou aqui? Não te vi entrar — levantando-se.

— Só quero saber porquê o senhor matou meus pais, os empregados da casa e o Sterk — olhando-o sem emoção alguma.

— De onde você tirou isso? — Olhando-a constrangido. — Do que você está falando? O Sterk e os empregados estão mortos?!

Aileen o pegou pelo pescoço com uma das mãos.

— Responda de uma vez. Não se faça de desentendido. PORQUÊ?! — Gritou entre dentes apertando o pescoço dele.

Inst pegou no braço dela, afastou-o do seu pescoço e investiu um golpe com a palma da outra mão contra o peito dela com uma força quase sobrenatural. O corpo de Aileen atingiu a parede e ela sentiu sua coluna se quebrar.

— Rapariga estúpida. Quem disse que você pode enfrentar a mim? — Aproximou-se dela e a pegou pelo pescoço. — Você estaria morta como os seus pais, mas graças a mim estás viva. E é assim que agradeces, sobrinha? — Olhando-a com raiva. — Eu criei você. Eu fiz de você o que você é hoje. EU! — Gritou.

Aileen o olhou com desprezo enquanto sufocava. Lágrimas de raiva caíam dos seus olhos. Sentia-se uma idiota, uma perdedora. Vivera a vida toda com o verdadeiro assassino e não foi capaz de desconfiar de nada. Lembrou-se do Sterk e a dor no coração aumentou.

— Meu irmão e sua mãe me traíram e fizeram com que me expulsassem da organização. Isso não pude perdoar. — Apertou com mais força.

Os olhos da Aileen estavam ficando vermelhos. Ela tinha que soltar-se de qualquer jeito, então rapidamente golpeou-lhe com o pé entre as pernas. Inst a soltou de imediato sentindo uma dor dos demónios.

— Golpe baixo? Eu não ensinei isso a você — pegando onde ela o atingira.

Sem perder tempo Aileen atingiu-lhe com um pontapé no peito. Ele caiu sobre sua mesa desarrumando tudo que estava sobre ela. Ele não demorou muito para se recuperar e quando o fez, golpeou com agilidade a cara dela que caíra sobre um armário cheio de papéis. O impacto fez com que uma coleção de espadas penduradas na parede caísse emitindo o som rústico do metal. Inst aproximou-se dela, a levantou e com o joelho atingiu-lhe o estômago. Aileen caiu de novo. Estava sem forças, pois os golpes do seu tio eram demasiados fortes.

— Ah, rapariga. Você não é páreo para mim. Poderíamos ter feito grandes coisas, mas você é teimosa que nem o seu pai.

Ouvir o seu tio mencionar o seu pai enfureceu-a de tal forma que levantou-se e deu um soco na cara dele fazendo com que um pouco de sangue saísse de seu lábio. Aileen tentou dar outro soco mas Inst a travou e deu-lhe uma cabeçada. Ela caiu de novo. Todo corpo doía, principalmente a cabeça. Inst a chutou no estômago várias vezes e Aileen fechou os olhos. A derrota queria apoderar-se dela mas ela não deixaria. Inst virou-se para retirar algo de uma gaveta e ela aproveitou o momento pegando uma das espadas que estavam no chão. Quando Inst virou-se para ela com uma arma, Aileen enfiou a espada na barriga dele e levantou-se com dificuldade. Retirou a espada e a enfiou de novo no estômago. Inst cambaleou para trás e caiu no chão, sentado, olhando com incredulidade para ela. Aileen, cansada, pegou duas espadas e olhou para ele.

— Esta é pelo Sterk e todos os funcionários. — O atingiu com uma espada no peito.

— MALDITA! — Gritou de dor e raiva, com o sangue borrando a sua roupa cara.

Duas espadas estavam presas no seu corpo e ele não conseguia se mover. Isso o enfureceu. Aileen o olhou desfrutando enquanto ele se contorcia de dor.

— E esta é pelos meus pais. — Com todas as forças que restavam, cortou a cabeça do seu tio com um golpe surpreendentemente ágil fazendo com que a cabeça dele rolasse no chão como uma bola, até bater na parede.

Exausta, soltou a espada. Viu um copo com whisky em cima da mesa e com um único gole esvaziou-o.

Aileen voltou para a casa onde crescera. Os corpos ainda estavam lá e ao parecer ninguém ainda havia percebido o que se passara pois a mansão deles ficava numa área isolada das demais. Ali mesmo no jardim, Aileen fez uma cova e enterrou Sterk. Pegou o papel que ele a havia entregado antes e o leu:

“Aileen Mercian, os Descendentes da Noite é uma organização secreta de pessoas que lutam contra as trevas há milhares de anos. Lá encontrarás a verdade sobre você e pessoas como você. Você é a Descendente dos seus pais e tens que arcar com o seu legado. Ainda há muita coisa por vir e o único lugar onde podes estar segura e aprender é lá.”

Na parte inversa do papel havia um mapa. Aileen subiu para o seu quarto, tomou um banho rápido, vestiu-se e preparou uma mochila com algumas roupas. Foi até o armário da sala e retirou duas armas *Glock 18* cinzentas e douradas. As preferidas do Sterk. As colocou no cinto de armas que havia vestido e dirigiu-se até a garagem.

— Então é isso, Aileen — disse para si mesma. — É hora de deixar essa maldita cidade e descobrir a verdade. — Subiu na sua mota vermelha e saiu sentido apenas a dor de deixar Sterk para trás. Uma nova etapa estava por vir.

CAPÍTULO II – JAY OTCHALY

Yamaka City é uma zona muito fresca que fica há precisamente 9.730 km da capital de *Tokyland*. Nela vivia o grande mestre Samurai Asura Sensei. Aparentemente velho e frágil era um dos últimos samurais da linhagem *Kazan*, um grupo que revolucionou o padrão samurai. Foram quase extintos depois da grande *Guerra Osuma*. Eles para além de dominarem a lâmina tradicional, a *Katana*, e o contacto corpo a corpo, eram habilidosos com Armas de Fogo, especificamente as Pistolas de calibre 6 de 12 munições que colocavam em suas costas entre o grande cinturão que ocupava toda cintura e tinham uma energia sobrenatural muito forte. Eram rápidos como flash e flexíveis como elástico.

A grande Guerra Osuma ceifou muitas vidas incluindo a de sua filha Nikita, que morrera em seus braços depois de ser gravemente ferida naquela batalha sangrenta.

Os olhos azuis-marinhos de Nikita e aquela voz trémula com o peito ensanguentado pedindo ao pai “*Cuide dele papá...*” foram as últimas palavras que ele ouvira de sua filha.

Enquanto Asura Sensei preparava-se para começar o exercício nocturno, pois chegara a hora de treino, ouviu o seu nome.

— Asura *sama!* Não acredito nisto! Irias começar sem mim? — Gritou Jay Otchaly, meio cansado com a sua prancha de *Snowboard* nas mãos, batendo a porta com força.

Em *Yakama City* era quase sempre inverno. E o adolescente com olhos azuis-marinhos, cabelo claro como o sol, adorava praticar acrobacias sobre a neve. Encostou a prancha à parede, sacudiu a neve de seu corpo e entrou para o *tatame*. Saudaram-se curvando a cabeça um ao outro e começaram o treino.

— Deves saber gerir o tempo, senão colocas em perigo a tua e a vida de seus próximos — disse Asura desferindo um *shirokame* ao Otchaly.

— Uh! Não vale lutar e falar ao mesmo tempo. Isso desconcentra, Asura *sama!* — Disse Otchaly ao travar o golpe com o braço direito.

Tentou revidar com um *deaxebaray* mas sem sucesso. O velho era rápido e flexível e esquivou-se rapidamente com saltos acrobáticos de trás até ganhar posição.

— Cala boca e luta, menino! — Gritou Asura Sensei desferindo um *mauaxi* e depois um *mayGay* atingindo o peito e a boca do estômago de Jay Otchaly, deixando-o abaixado ao chão, levando a mão ao estômago visivelmente magoado.

Tentou desembainhar a sua lâmina, mas o velhinho era bom demais. Jay Otchaly sentiu mesmo antes de tocar o cabo de sua lâmina, a frescura do metal da lâmina de Asura tocar seu pescoço. Ainda no chão, levantou o rosto e viu a pistola no braço esquerdo de Asura Sensei apontada para sua testa e o encarou. Ficaram quase 15 segundos encarando-se e em seguida puseram-se a rir simultaneamente e logo depois Asura Sensei estendeu o braço para ajudar Jay a levantar-se.

— Bom movimento para um velhinho.

— Idade são só números. O que vale mesmo é o teu estado de espírito, rapaz — disse enquanto conversavam abraçados e caminhavam para fora do *tatame*, em direcção a sala da pequena casa humilde.

— Sua mãe estaria muito orgulhosa vendo-te assim grande e forte. E seria ela a treinar você.

— Eu sei vovô, e fico feliz por ouvir isto. O senhor também deveria estar, porque onde ela está tenho certeza que ela olha e toma conta de nós — sorrindo e limpando a pequena lágrima que caía sobre o rosto de Asura Sensei.

— Fale-me do meu pai, Asura Sama. Quem era ele? Também foi um grande guerreiro como a minha mãe?

— Já te disse, Otchaly. Eu não gosto de falar sobre isto. Não devo e não vou falar consigo acerca — respondeu Asura com raiva.

— Mas porquê? É meu pai e tenho direito de saber sobre ele.

— Mas não agora. E não se fala mais nisto.

— Está bem — respondeu triste e foi para seu quarto cabisbaixo.

Asura Sensei teve uma visão de sua filha. Sorriu quando a visualizou rodeada de luz.

— Papá, conta para ele. Já é o momento.

— Será, querida? Ele ainda é muito jovem.

— Chegou o momento, papá.

— Está bem, querida. Farei isso — sorrindo.

No seu quarto, Jay estava olhando para o retrato de sua mãe. Ouviu a porta abrir-se e Asura Sensei entrou e sentou-se na cama.

— Ela era linda, minha Nikita — olhando para o retrato. — Sabes porquê o nome Nikita?

Jay abanou a cabeça negando.

— Eu e sua avó escolhemos este nome por ser uma flor muito linda que vive em qualquer clima no mundo. É um nome de sorte. É triste saber que não foi tão bem assim para sua mãe. Mas não vim aqui para falar sobre isso. Vou contar sobre seu pai.

Jay o olhou surpreso e agradecido.

— Estávamos todos em casa porque naquela altura estava a nevar muito e foi quando ouvimos um grande barulho. Toda a Yakama saiu para ver o que era e aí vimos a cair dos céus um pássaro gigante que eles chamam de aeronave. Fomos até o local e vimos que havia alguém dentro. Eu e alguns homens tiramos um homem que estava muito ferido e sujo, com manchas negras em todo corpo e o levamos para casa. Sua avó, com ajuda da sua irmã cuidaram dele. Lavaram-no e cuidaram de seus ferimentos. Com o cabelo claro e olhos castanhos, sua mãe começou a gostar dele até que o forasteiro adaptou-se ao nosso estilo de vida e veio aumentar mais técnicas na nossa arte porque naquele pássaro gigante ele carregava essas pistolas que hoje usamos. Ele ficou com sua mãe mas quando percebeu que sua mãe estava grávida, desapareceu do nada, deixando apenas essa carta e essas duas pistolas, com um bilhete onde dizia para entregá-las ao seu filho quando tivesse idade suficiente para compreender as coisas. Ele sabia que seria um menino.

— Mas para onde ele foi? E porquê me abandonou?

— Eu estou muito furioso também mas acho que irás encontrar respostas nesta carta — entregando-o.

— Droga de carta! — Atirou a carta sobre a cama e sentou-se colocando as mãos sobre a cabeça, triste e com raiva.

— Eu sei que é difícil, mas deves ser forte e continuar a viver sem ele.

— Sim, Asura Sama — respondeu.

Asura Sensei sorriu calidamente.

— Ouviu isso, Asura Sama? — Perguntou o Jay, alerta. — Um barulho estranho.

— Sim, ouvi. Pega sua lâmina, rapaz — levantando-se.

Foram para sala e encontraram oito ninjas com cintos vermelhos e em formação de combate.

— Quem são vocês e o que querem? — Asura Sensei perguntou ameaçando-os com o olhar.

Nenhum deles falou, apenas olharam para o Jay.

— Só por cima de mim — disse Asura Sensei desembainhando sua lâmina e rapidamente se desfez de dois deles num piscar de olhos.

Um deles tentou atacar Jay mas sem sucesso, viu seu tronco perfurado com três tiros feitos por Asura Sensei. Já sobravam só cinco e um deles golpeou Asura Sensei no peito. O impacto o jogou para o quintal, partindo as paredes de madeira da casa. Três seguiram Asura Sensei para o quintal onde estavam mais de 50 ninjas.

— Asura Sama! — Jay gritou pegando as duas pistolas e colocou-as na cintura juntamente com a carta.

Dois ninjas tentaram matar Jay, mas sem chances. Com um único golpe de sua lâmina, Jay cortou a cabeça de ambos.

— Jay foge! — Berrou Asura Sensei depois de eliminar trinta ninjas.

Já cansado e com vários ferimentos no corpo, um ninja o surpreendeu e cortou o abdômen sem piedade. Jay vendo tudo aquilo através do buraco feito na parede da casa, sentiu como se o mundo havia caído sobre ele. Uma raiva surgiu dentro dele que quando gritou, foi como uma explosão. Toda casa se desfez e cada pedaço de madeira aguçado perfurava os corpos de cada ninja, matando-os consequentemente. Jay foi rapidamente até seu avô que já em seus últimos suspiros de vida disse:

— Vá até eles. Vão voltar em maior quantidade ainda, vá — tossindo sangue em seguida.

— Mas para onde eu vou, Asura Sama? — Com os olhos cheios de lágrimas.

— As respostas estão na carta. Saberás onde ir. Agora eu vou ao encontro de sua avó e sua mãe — sorriu e o olhou com carinho.

— Não, não! — Gritou o Jay enquanto Asura Sensei morria. — Asura sama!

Quando Asura Sensei fechou os olhos para nunca mais abrir, uma luz verde saiu dele e envolveu Jay, aumentando sua energia sobrenatural. Minutos depois, Jay pegou a sua prancha, suas armas e foi pela neve com uma velocidade muito perigosa, com lágrimas nos olhos até que chegou à beira do Porto de Yakama City. Jay só havia conhecido seu avô Asura, nunca conheceu sua mãe porque morreu quando ele era ainda um bebê. Cresceu com o seu avô que o treinou física e mentalmente. Asura era um homem muito solitário e Jay nunca teve muitos amigos e isso lhe fazia um jovem de poucas palavras.

Jay olhou para os barcos no Porto e decidiu abrir a carta.

“Se estás a ler essa carta é porque estás vivo. Sei que tens muitas perguntas mas o essencial neste momento é o seguinte: tu és um Descendente da Noite, uma organização secreta na qual fiz parte e é importante que te dirijas para lá onde poderás ter mais respostas.

De seu pai: Jonh YellowHead.”

Junto da carta havia uma imagem de um mapa com a indicação da organização. Viu um barco saindo e rapidamente correu para lá e pulou para dentro.

No barco, na área das cargas, ele viu algumas malas de roupas e achou melhor mudar o visual. Vestiu algo mais moderno e diminuiu seu cabelo. Sentado, cruzou as pernas e começou a meditar enquanto o barco navegava rumo ao norte.

CAPÍTULO III – UM HOMEM MISTERIOSO

As frondes das árvores balançavam em meio a chuva forte, ouvia-se gritos ecoando em todos os lados. Gritos de dor, angústia e perda. Era mais uma tentativa fracassada de acabar com os Seres das Sombras, tentativa esta que repercutia em chacina.

— Por que tanto esforço jovem Trevor? — Indagou Amon, o braço direito dos líderes dos Seres das Sombras.

Conhecido como o "Marquês do sofrimento" e o sétimo Ser das Sombras mais poderoso ficando apenas atrás e sob o comando da Sofrosine a líder suprema. Amon era um ser de rosto indiscreto, e assim como os outros, estava sempre de capuz preto que não permitia ver seu rosto. O tom de sua voz era pesada e assombrosa, transbordava medo e diluía a coragem e bravura de pessoas que os ouviam.

— Eu vou parar vocês... — respondeu Trevor com a voz distorcida e olhos marejando, dividido em tristeza e ira —... é bom que vocês me matem agora ou eu juro que vou fazer vocês pagarem por cada sangue derramado sobre esse solo. — Trevor respondia ofegante, sentia-se incapacitado.

Olhou ao seu redor mais uma vez e não acreditava no que via. Sua equipa estava destruída padecendo ao abrigo da morte, seus amigos estavam todos decepados de forma grotesca e mais violenta que um homem se quer poderia imaginar. Entre o chão, via-se a união do sangue que corria de cada corpo quebrado com a água da chuva que se juntava a noite sangrenta ainda com mais imponência. Aileen soltou um suspiro quase inaudível, mas não o suficiente para passar despercebido pelo Amon.

— Olha, parece que um dos nossos ratos ainda tem vida — disse ele.

— Amor, não se esforce — ordenou Trevor se arrastando para junto dela, vendo Aileen dando seus últimos suspiros.

Sua voz de tom insólito carregava dor e angústia.

— Amor? — Amon disse em surpresa. — Com que então ela é sua amada?

Um relâmpago forte ecoou diante do céu o que tornou o clima ainda mais denso.

— Não encoste a mão nela, seu desgraçado. — Trevor gritou enquanto Amon se aproximava da Aileen.

Ele levantou os braços e alcançou uma lâmina aguçada. Acenou em comando de ordem para que seus subordinados pegassem Trevor para fazê-lo observar o que estava prestes a acontecer.

— As mesmas ordens que recebi para não acabar com você, são as mesmas que recebi para deixar-te sofrer por toda eternidade.

Amon soltou um pó no rosto do Trevor. Era um feitiço encomendado pela Sofrosine que acreditava que Trevor era a ponte para o equilíbrio. Sua morte trazia como consequência o fracasso dos seus planos e a melhor forma de impedir tal coisa era garantir que ele vivesse para sempre, tornando-o imortal e amaldiçoado pelo fracasso eterno. Trevor viveria para sempre preso em realidades diferentes para assistir a morte de todos que amava se repetindo sempre e em cenários diferentes até que Sofrosine conseguisse alcançar os seus objectivos.

— O que você fez? — Indagou ele confuso.

Levou a mão aos olhos e os esfregou freneticamente com as pontas dos seus dedos. Trevor não conseguia ver nada por alguns segundos. Logo depois o levantaram e sua visão voltou ao normal.

— Repara bem Trevor Cooper, este será o teu destino... — Amon terminava suas palavras enquanto atravessava lentamente sua lâmina aguçada no pescoço de Aileen.

— NÃO! — Trevor gritava em dor e negação.

Alguns segundos depois

— O que deu em você, Trevor? — Perguntou Aileen ao amigo que voltava à realidade, preso em lembranças que o aterrorizavam.

— Estamos aqui há horas. Você tem certeza que esse é mesmo o lugar certo? — Perguntou, fugindo da resposta da amiga que fala com ele pelo telefone.

Abanou a cabeça em tentativa de expulsar os flashbacks que o assombravam.

Trevor era o mais velho de todos entre os Descendentes da Noite. Sua decadência estava nitidamente esculpida em seu rosto. Aquilo que ele mais temia repetia-se vezes e vezes sem conta. Ver seus pais, seus amigos, sua namorada e todos que ele amava morrendo de formas mais bizarras possíveis não era algo de se esquecer tão rápido. Ele meio que perdera o sentido da vida e isso o deixava frio, grosso.

Há mais de três séculos, Trevor Cooper e seus amigos travavam uma batalha contra os Seres das Sombras que ameaçavam controlar o mundo através da hipnose moderna. Uma técnica inicialmente usada na antiga sociedade em seus templos de sono. Na altura essa técnica era usada para tratar doentes de grande porte após o paciente ser submetido ao transe hipnótico, o que na altura era muito difícil, pois a anestesia não era conhecida. Esses médicos eram representados emitindo sinais mágicos ou raios dos olhos como forma de estereotipar a ação do hipnotizador. Tal procedimento tinha outra designação. *Sofrologia*, oriunda da deusa grega *Sofrosine*, que diziam ter poderes curativos. Ao pé da letra: *Sos* (tranquilo), *phern* (mente) e *logia* (ciência), ciência da mente. Mas com o passar dos tempos esses médicos evoluíram e aquilo que era um mero estereótipo que acabou se tornando real. Poderes fortes e imensuráveis. Agora eles queriam controlar cidades inteiras de modo a ter tudo a seu comando. Se espalharam pelo redor do mundo começando por dominar cidades locais através das rádios e TV's e era aí aonde tudo começou. Um grupo de jovens que se recusaram a seguir tais práticas e uniram-se para os impedir, criando assim os primeiros Descendentes da Noite.

— É claro que sim. Você está duvidando dos meus amigos?

— Sim, estou. — Trevor respondeu entre dentes enquanto tirava o isqueiro do bolso para acender seu cigarro.

Seu mal humor deixava seus amigos irritados o tempo todo. Ele tentou acender por duas vezes mas não conseguiu.

— Sério, Trevor? Você vai fumar numa hora dessas? — Perguntou seu amigo.

— Sim, Jay, eu vou. Você tem algum problema com isso?

Jay Otchaly apenas calou-se. Ele sabia que qualquer coisa que dissesse simplesmente deixaria Trevor ainda mais aborrecido. Fazia dois meses que eles se encontraram e juntos ouviram histórias de cada um, que era bastante comum. Eles sabiam que tinham os mesmos objetivos e trabalhar em conjunto era a única solução. Ele e Aileen Mercian se uniram a Trevor

Cooper como ele assim orientara, enquanto outros cumpriam outras tarefas na tentativa de descobrir como os Seres das Sombras estavam divididos e quais eram seus métodos de actuação.

Eles estavam no topo de um prédio enquanto Aileen Mercian controlava os sistemas de segurança com os seus *drones* através de uma *van*.

— Vem cá, Trevor... — Aileen começou a falar — porque diabos eu tenho que ficar aqui olhando enquanto você e o Jay se divertem?

— Prontos, vai começar de novo! — Trevor respondeu bufando. — Eu já disse, Aileen, você precisa ficar aí. Não podemos correr o risco de sermos capturados todos.

— Entendo, mas porquê sempre eu? Porquê nunca é você ou o Jay? Faz cinco dias que dividimos a equipa desde que nos encontramos e sempre quando você vem pra fazer as divisões você sempre me coloca atrás de toda a diversão.

Jay começou a rir.

— O que você está rindo? Não tem graça nenhuma nisso. Vocês sabem que eu sou tão boa quanto vocês, não sou só a rapariga da tecnologia, não.

Quando todos eles se encontraram, haviam contado suas histórias, excepto o Trevor, pelo menos não a verdadeira. Ele não contara que já os conhecia há séculos. Não contara que era imortal. Pelo menos uma vez na vida Trevor queria fazer diferente. E seu diferente desta vez significava não perdê-los novamente. Principalmente não perder sua namorada. Ele não contara a Aileen que durante séculos era sua amada e sempre acabara por morrer em campo. Trevor Cooper acreditava que deixar Aileen de fora era uma das formas mais certas de mantê-la segura. Mas aquilo estava longe disso. Aileen era persistente e não aceitaria ficar de fora por muito tempo. Ela não passara pelo que passara simplesmente por ser uma menina rica e sim pela sua bravura e ousadia.

Enquanto Aileen falava, subitamente um dos seus drones caíra. Rapidamente os dois alcançaram suas espadas. Entre os Descendentes da Noite todos sabiam manejar bem uma espada mas quem mais amava aquela arma era Jay, aquilo a lembrava seus avós, seus pais e sua cultura. Enquanto Trevor descia do topo do prédio de forma hábil para saber o que aconteceu com Aileen e os drones, Jay Otchaly preparava-se para o combate. Quando Trevor por fim chegou ao chão, um homem que aparentava ter o dobro de sua idade caiu por cima de um carro. Ele olhou para cima e viu seu amigo lutando, eram os ninjas dos Seres das Sombras.

— Eu gosto desse cara — disse para si mesmo.

Sua parceria em acção com Jay era fantástica e a sincronia deles era algo que Trevor simplesmente amava, mas não queria demonstrar para seus amigos. Não queria demonstrar o mínimo de expressões afectuosas. Mas isso não estava correndo muito bem.

Trevor se desviou de duas estrelas que um dos Seres das Sombras lançara sobre ele, rapidamente correu na direcção do inimigo e com um único golpe atacou seu peito de forma brutal. O golpe lançou seu adversário em um outro carro a sua atrás. Não satisfeito, Trevor saltou sobre ele e mais uma vez de modo hábil e quebrou o pescoço do homem sem nenhuma expressão de pena entre o rosto. Novamente correu até a van e quando lá chegou encontrou dois homens no chão e um deles sendo esmurrado, sua mandíbula sangrava como um chafariz até desmaiar.

— O que foi? — Aileen indagou, limpando o sangue que saltara na sua testa e outras partes do seu corpo.

— Você está bem?

— Estou. Não achou que eu soubesse cuidar-me sozinha?

Trevor ficou em silêncio.

— Temos de sair daqui agora! — Ele disse em tom de ordem.

— Mas porquê? Nós podemos. Eles estão em desvantagem.

— Não estão, não podemos entrar lá sem os outros.

— Mas Trevor...

Aileen foi interrompida.

— Eu disse que temos de sair daqui e é já. Eles vão voltar.

— Como assim vão voltar? Nós acabamos de derrubar eles.

— O Trevor tem razão Aileen. — O jovem Otchaly acrescentou. — Não sabemos como, mas eles nos descobriram. Não podemos sozinhos. Eles são fortes. Eu já ouvi muitas vezes o meu avô falando deles.

Aileen acenou e se retiraram do lugar, sentindo-se inútil. Acabaram de ter uma noite perdida e aquela explicação do Trevor não a convencera muito. Desconfiava dele e por algum motivo sabia que ele estava escondendo algo deles. Só não entendia porquê Jay reagira daquela forma. Porquê simplesmente concordara com ele. Na verdade isso era algo que até mesmo o Jay não conseguia entender. Será que era um poder que Trevor possuía de controlar as pessoas e não queria que eles soubessem? Será que ele estava usando contra eles? Enfim, uma coisa era certa. Isso era algo que ela iria descobrir mas cedo ou mais tarde, enquanto isso, apenas se concentrara em obedecer e sair daquele lugar.

Alguns meses atrás

— Precisamos que sejas tu nessa missão, Kira. — Sugeriu uma das guardiãs dos Descendentes da Noite.

Zobrinst olhava-a sem emoção, mas ela continuou.

— Todos aqui presentes estão cientes das tuas habilidades. Precisamos de tempo e você é a pessoa indicada para atrasar o maquiavélico Uchiha. Tente travá-lo o máximo que pudeses, pelo menos até a chegada dos outros descendentes. Dois dias atrás recebemos informações de que estão a caminho.

— Okay. Assim farei. Porém, tão logo eles chegarem, levem-nos ao Trevor Cooper. Ele saberá o que fazer. — Dito isto, Zobrinst subiu na sua moto desportiva, deu uma última olhada em seus companheiros, colocou a mão no acelerador e saiu a toda velocidade.

Depois de cinco horas desfrutando da adrenalina que a velocidade de sua mota *Kawasaki Ninja H2R* o proporcionava, sentiu que precisava descansar os olhos, pretos como a noite. Kira decidiu seguir um atalho que o levara para dentro de uma mata. Já dentro da floresta foi reduzindo gradualmente a velocidade até parar por completo no coração do matagal onde sentou, apoiado de costas numa árvore robusta como as outras incontáveis a sua volta. Kira levara consigo apenas uma espada em condições ruins que a transportava em um cinto especial que ele próprio mandou fazer.

Nãoooo!

Kira ouviu e levantou-se rapidamente, curioso para saber de onde vinha a voz angustiada.

Matem-na!

Gritou uma voz masculina e Kira desta vez descobriu de onde vinha o som. Não mais de quinze passos de distância por de trás de uns arbustos. Kira correu até lá o mais rápido que podia, onde viu uma Descendente da Noite. Era a Tsunade lutando contra vários Seres das Sombras, liderados pelo temível Uchiha. Ela estava exausta, batalhando com dificuldade e desviando-se com destreza de golpes fatais. Quando em um movimento rápido um dos seres agarrou-a pelo pescoço e arrebatou-a ao chão com uma força absurda, a Descendente ficou imobilizada contorcendo-se de dor.

— Soltem-na agora! — Gritou Kira enfurecido, com sua voz rouca, ao mesmo tempo em que tirava a espada que ele mesmo a nomeara de *Tomoyuki Yamashita*.

Segundo seu avô Tomoyouki, a espada foi encontrada pelo deus *Susanno*, deus das Tempestades, dentro da cauda da serpente *Yamata*, de oito cabeças, que havia derrotado. Susanno a apresentou à deusa do Sol, *Amaterasu* que, por sua vez, a deu ao seu neto *Ninigi-nomikoto* Zobrinst quando lhe ordenou reinar sobre o futuro Japão. E o seu avô o oferecera assim que nasceu, dando ao seu pai para que guardasse até o seu décimo aniversário. Seu avô Ninigi-

no-mikoto sempre dizia que a espada possuía propriedades sobrenaturais e revelaria seu poder no momento certo.

Após dar o ultimato, Kira foi cercado rapidamente pelos inimigos de forma estratégica.

— Kira, eles são... — Tsunade parou de falar antes de terminar a frase.

Ele não estava ouvindo. Concentrado em alguma coisa, não movia um músculo, enquanto esperava por uma reacção dos adversários.

— Ao mesmo tempo, ataquem! — Ordenou Uchiha.

Ele bloqueou o primeiro com sua espada, decapitou o segundo e terceiro. Kira girava para frente e para trás, deflectindo as espadas. Restavam apenas dois o cercando e três em retaguarda. Um dos golpes o acertou na perna, outro em seu abdómen, perfurando suas entranhas.

— Não percam tempo! Mirem na cabeça e pescoço, idiotas! — Ordenou Uchiha, o Ser de quase três metros que caminhava em direcção a Tsunade, agora com uma espada em punho.

— Corra! — Bradou Kira para Tsunade ao mesmo tempo que atirava a sua espada com toda força que lhe restava, ao encontro de Uchiha e se desviava do ataque de um dos Seres mais baixos.

Depois puxou o Ser para si e esmagou seu rosto com um soco. A espada atingiu Uchiha e este foi arremessado pela força sobrenatural do impacto a alguns metros, parando em uma árvore que quebrou ao meio com o embate. Tsunade conseguiu escapar. Kira, feliz, deu um breve sorriso para os poucos seres das sombras que ficaram aturdidos com o que viram e caiu desacordado.

CAPÍTULO V – O RAPAZ MISTERIOSO

A lua estava vermelha como o sangue. O arrepio espalhou-se pelos quatro Descendentes da Noite que encontravam-se a aprimorar suas habilidades para mais uma noite de confronto. Ouviam-se vozes e sussurros na floresta que agora parecia sombria. Trevor sabia o que estava prestes a acontecer, mas os Seres das Sombras não deram tempo dele explicar aos demais.

— Não é seguro ficarmos aqui por muito tempo. Eles descobriram o nosso esconderijo. — Trevor disse em voz alta, chamando a atenção de todos.

— Eles chegaram? — Aileen perguntou com um semblante impassível enquanto colocava as munições na sua KSG-15.

— Sim, chegaram. Consigo sentir a aflição da terra e o desespero do céu. Consigo sentir a ansiedade possuir o meu corpo para matar um por um com a minha Tomoyuki Yamashita. — Agora foi a vez do Kira manifestar sua ânsia em derrotar aqueles inimigos.

— Hora da diversão, amigos. — Jay sorriu olhando para o seu brinquedo favorito, a sua lâmina.

— Temos uma missão e é por ela que vivemos. Somos as vozes dos nossos parentes que foram calados injustamente. Somos a esperança desta humanidade inocente. Precisamos manter o foco para trazer justiça às almas dos que tombaram!

A ira invadiu os neurónios do líder ao emitir aquele que é o seu mini discurso de motivação. Mais uma batalha com aqueles selvagens estava a ponto de começar. Naquele momento, nos céus, duas aves gigantes se cruzaram próximo ao esconderijo. Elas voavam alto sobre as montanhas até que observaram as movimentações dos quatro heróis no lugar mais escuro da floresta.

— Ai estão eles.

Um dos Seres que pilotava uma das águias gritou para os restos dos Seres armados até aos dentes.

— Os Descendentes da Noite não terão chances de sobreviver a esta batalha — garantiu o Caçador dos males.

Um grupo de aproximadamente 40 Seres das Sombras finalmente chegou à terra. Os gritos ressoaram por toda a floresta agitando os animais silvestres que fugiram assustados. Os Descendentes da Noite estavam prontos para aquela que seria um prélio implacável, difícil de sair vitorioso. Mas eles precisavam de lá estar, precisavam de enfrentá-los e vingar as mortes dos seus entes queridos.

— Eu fico com esses. — Aileen apontou para um grupo de Seres que usavam máscaras com o design de um jaguar irado.

Os dentes ensanguentados daqueles Seres mostravam que adoravam alimentar-se de carnes vivas de seres humanos. Eles carregavam arcos nas mãos e várias flechas nas costas. Os oponentes de Jay também carregavam arcos nas mãos e um kit de flechas nas costas. Eram criaturas colossais de aproximadamente três metros de altura. Já os adversários do Kira e do Trevor eram os mais poderosos. Suas munições eram quase infinitas, carregavam uma metralhadora *Gatling* e como bônus também eram gigantes insanos, famintos e insaciáveis.

— Ao ataque! — Os Seres gritaram ao mesmo tempo, e todos eles dirigiram-se com uma velocidade espantosa aos quatro Descendentes.

Um dos Seres retirou uma flecha das costas, posicionou o arco e lançou para Aileen que com uma flexibilidade formidável desviou-se da flecha que acabou acertando sua arma e ela caiu sobre a terra.

Droga!

Ela pensou. Olhou para o adversário que tentava perfurar a sua cabeça com um arco, mas desviou rapidamente e aplicou-lhe um *Uraken Uchi* com toda sua força bem na boca do estômago e o rival caiu sem vida. Em seguida correu em direção do outro Ser que tentava mirar a flecha para ela e o impediu executando um *Anshi Barai* com a sua perna direita, o desarmou e matou-lhe com a sua própria arma. Jay acabara de cortar ao meio o terceiro gigante com a sua lâmina. Ele usava suas habilidades de ninjas para desviar-se das flechas e subir as árvores para poder cortar as cabeças das criaturas monstruosas. Trevor e Kira consentiram dificuldades em matar os primeiros oponentes, mas assim que tomaram o gosto, não pararam de o fazer.

A terra ardia com o calor da batalha. Os gritos abalavam o silêncio da madrugada. O solo molhado de sangue era o palco do combate no meio da floresta. Os inimigos estavam reduzindo então eles decidiram unir-se para aniquilar os quinze adversários que faltavam.

— Jay. Tenta distraí-los. — Trevor orientou.

Jay acenou com a cabeça e começou a trepar de árvore em árvore com uma velocidade mirabolante, deixando os inimigos paralisados momentaneamente. Kira e Aileen aproveitaram para atacar com sucesso três dos quinze Seres que restavam.

— Continuamos em vantagem. Nós vamos acabar com vocês — falou uma das criaturas gigantes, irritada enquanto encurtava a distância que os separavam.

— Até agora nenhum de nós foi ferido. Achas mesmo que vocês têm alguma chance conosco? — Trevor o desafiou também encurtando a distância.

— Você — apontou a criatura para Cooper com o dedo indicador mexendo para cima. — Darei cabo de ti — levou o mesmo dedo até ao pescoço e deslizou com raiva como se tivesse a cortá-lo.

Trevor irritado, não esperou que ele terminasse o gesto provocante e correu para cima dele dando dois golpes mortíferos e a criatura caiu ao solo.

Aileen estava em posição de combate, com os punhos cerrados aplicou um morote no primeiro Ser que corria em sua direção e rapidamente usou um *Agashi Uke* para desviar do soco que o outro preparou para a atingir e naquele momento um flashback inoportuno dos seus momentos com Sterk viajou pela sua memória.

Maldito flashback!

Pensou. Talvez fosse saudades, talvez fosse a raiva ou a dor por ele ter partido bem na sua frente, talvez por ela aplicar tão bem o movimento que ele mais adorava, talvez. Mas ela perdeu-se naquela lembrança que vagueava em sua cabeça e só foi acordada do transe quando a flecha assassina de um dos Seres atingiu a sua clavícula. Aileen caiu ajoelhada antes de seu corpo desabar e o sangue se espalhar pelo solo da floresta.

— Leen! — Jay gritou desesperado.

Todos ficaram atônitos, paralisados no que tivera acabado de acontecer. As estrelas brilhavam segundo sim e segundo não, o vento deixou de soprar, as árvores deixaram de dançar, o silêncio caiu sobre toda a floresta. Um semblante vitorioso desenhou-se no rosto do Caçador

dos males, enquanto os olhos do Trevor estavam sendo inundados por algumas lágrimas, o corpo do Kira queimava de aflição e dor, a corrente do rio não jogava mais água. Era apenas o corpo da Aileen que jorrava sangue ininterruptamente.

Jay acordou do suspense segundos depois e tentou socorrer a parceira mas foi impedido bruscamente por uma das criaturas gigantes que tivera restado, jogando a sua espada para longe. Um dos Seres armados até aos dentes correu em direção da Aileen para poder esperançosamente retirar a vida daquela jovem extraordinariamente habilidosa. Os outros três descendentes nada mais podiam fazer, foram todos dominados quando se perdiam apreciando a sua parceira sendo jogada ao chão pela flecha assassina daquele maldito Ser das Sombras. Ele lançou um olhar maléfico seguido de um sorriso devastador. Sua grande conquista estava quase acontecendo. O crédito em matar um Descendente da Noite valeria a medalha mais almejada por todos os Seres. Então calmamente retirou a flecha das costas e colocou no arco, com uma postura segura posicionou bem no coração da Aileen e assim que puxava a flecha para atingi-la sentiu suas costelas sendo totalmente quebrada por um *Unpi Uche* executado por um misterioso rapaz que saiu do meio da floresta.

Ele era alto, atraente, cabelos pretos unidos por uma corda. Olhos pretos como o da sua falecida mãe, corpo atlético como do seu falecido pai. Ele usava um casaco verde desportivo por cima de um capucho azul, mas era possível ver as tatuagens que se destacavam no seu rosto o nome da sua falecida irmã e no pescoço a medalha de honra que sua falecida namorada recebeu no colégio. A calça era *jeans* preto e carregava na boca um cigarro.

— Quem é você? — Jay perguntou perplexo ao ver o rapaz misterioso salvando a vida da sua companheira.

O rapaz não pronunciou palavra alguma, apenas retirou a arma da Aileen que escondia por detrás das costas, que ela tivera apanhado enquanto a luta decorria. E por um segundo, o segundo que todos tentavam digerir a cena que estava a se desenvolver, o silêncio foi predominante e no segundo seguinte o barulho das balas dominou. Passos rápidos e armas sendo disparadas com a maior idoneidade foi possível e digno de se ver. O rapaz misterioso tivera assassinado os nove Seres que restavam. Todos os outros Descendentes ficaram mais petrificados ainda com a habilidade dele. *De onde ele veio? Quem ele é? Porque matou os inimigos que restavam?* Mil perguntas corriam nos pensamentos de todos eles. E enquanto isso, o rapaz correu até Aileen e colocou os braços para estancar o sangue que não parava de jorrar. Os olhos dela, castanhos-claros quase estavam brancos, cansados, surpresos e ao mesmo tempo agradecidos. Mas ela não possuía forças para proferir alguma palavra sequer, então apenas apertou a mão do rapaz e desmaiou.

— Quem é você? — Trevor perguntou com sua voz grossa e atormentadora. — Larga ela — ordenou irritado.

O rapaz não disse nada, apenas levantou-se e ergueu as duas mãos espalmadas na altura dos ombros em gesto de quem não quer confusão, lançando um pequeno sorriso sarcástico. Trevor colocou dois dedos no pescoço da Aileen para verificar se tinha pulsação.

Todos ficaram expectantes, torcendo que o coração duro dela ainda estivesse bombardeando sangue para o resto do corpo. Assim que Trevor sentiu a pulsação suspirou de alívio e os meninos puderam então confirmar que ela ficaria bem e sobre tudo que o rapaz misterioso tivera salvado a vida dela.

— Vamos levá-la daqui enquanto eles não voltam com mais criaturas gigantes. — Kira disse sem retirar os olhos desconfiados do rapaz.

Trevor concordou de imediato, juntou os seus braços e carregou ela no seu colo com uma facilidade tremenda.

— Jay, pega a arma dela e vamos, não temos muito tempo — continuou Kira.

Dando alguns passos acelerados, Jay paralisou por alguns segundos, olhou para o rapaz e então decidiu não obedecer o pedido de Kira.

— Ele precisa vir conosco! — Jay gritou para os dois que já estavam a uma distância considerável.

— O quê? Não! — Trevor respondeu indignado. — Nós não sabemos quem ele é, não sabemos nada sobre ele, porquê iria conosco? Nem pensar. Ele pode ser um inimigo. Deixe-o aqui e vamos — continuou.

— Se fosse um inimigo nosteria matado faz tempo. Ele ajudou-nos a derrotar aquelas criaturas e ainda salvou a vida da Leen. Isso é suficiente para saber que ele não está contra nós, não é? — Jay apontou o rapaz para que pudesse defender-se das acusações.

O rapaz apenas lançou um olhar leve ao Jay, depois revirou os olhos em direcção do Trevor, mas, mais uma vez sem dizer nada.

— Acho que o Jay tem razão, Trevor. — Kira pronunciou-se a respeito da situação.

Trevor parou por alguns segundos antes de concordar com a ideia dos seus companheiros.

— Okay. Você vem conosco, mas estaremos de olho em ti — olhando desconfiado para o rapaz.

Eles chegaram num lugar distante da floresta. Era um outro esconderijo descoberto por Trevor. Edy Chiran, o rapaz misterioso, deixou os três Descendentes cuidarem da Aileen. Edy não sentia-se familiarizado com as pessoas desde que perdeu toda a sua família e amigos numa chacina que ocorreu na sua cidade. Desde aquele momento mais ninguém teve o privilégio de ouvir o som de sua voz e desde aquele momento, um ser absolutamente obscuro cresceu sobre o seu interior. Esqueceu-se de todos e viveu aprimorando suas habilidades com armas de fogo, artes marciais e claro, investigando os verdadeiros culpados daquele acontecimento trágico já que a polícia encerrou o caso por falta de provas. Viveu juntando cada pedaço daquele puzzle para desvendar o verdadeiro mandante daquela barbaridade que tirou o brilho das suas íris e colocou uma nódoa que jamais pretendeu tirar.

A primeira vez que Edy ouviu sobre os Descendentes da Noite foi com o pai do seu amigo Izaak e desde então ficou curioso e fascinado por saber que lá encontraria pessoas como ele, que buscam justiça e lutam contra os Seres das Sombras, já que ele acreditava que eram esses mesmos homens que mataram sua família e amigos. Então num belo dia ele inesperadamente recebeu uma carta onde indicava o mapa para poder achá-los e desde então procurou incansavelmente até encontrá-los.

— Ei, você! — Trevor gritou para o Edy, que virou-se lentamente lançando seu característico olhar sarcástico, sem proferir palavra alguma.

Trevor ignorou a situação e transmitiu o recado.

— Ela acordou e quer falar com você — finalizou.

Uma reacção diferente do sarcasmo visitou o seu olhar por alguns segundos, então pegou no cigarro, tragou mais três vezes e foi até ao encontro da Aileen.

— Você s-salvou a minha vida. Muito o-obrigada. — As palavras saindo um pouco esforçadas por causa das dores.

Ele apenas sorriu e apertou por algum tempo as mãos dela.

— Já sei que você não fala e não te co-condeno — o encarando. — Todos nós temos as nossas paranóias — continuou e Edy sorriu levemente.

— Ajuda-me a levantar — estendeu a sua mão para o Edy que ignorou-a e pegou-a pela cintura com as duas mãos e colocou-a em pé.

Ela não disse nada, apenas foi para fora onde estava o resto dos Descendentes.

— Qual é o próximo passo? — Jay perguntou observando o brilho das estrelas que reluziam na sua lâmina.

— Descobrir onde está a sede dos Seres das Sombras aqui na terra. Precisamos saber para podermos os surpreender — respondeu o Kira.

— E como vamos fazer isso? — Aileen perguntou ao se juntar ao grupo. — E Jay, n-não volta a chamar-me de Leen — Protestou e Jay apenas sorriu.

— Talvez ele saiba de alguma coisa. — Trevor apontou para Edy, que caminhava na direcção deles.

Edy aproximava a passos lentos enquanto colocava a mão no bolso. Kira retirou sua espada suspeitando que o rapaz estava retirando alguma arma para atacá-los. Ele não apresentou qualquer tipo de expressão, apenas parou e retirou uma fotografia e entregou ao Trevor.

— Monalisa? Uma fotografia da Monalisa? O que isso tem haver? — Trevor perguntou curioso.

— Deixa-me ver. — Aileen puxou das mãos do Trevor. — O que a foto tem a ver com os Seres das Sombras? — Perguntou, mas consciente de que não teria uma resposta, virou o rosto e encarou as estrelas.

— Ela nos levará até a sede dos Seres das Sombras, e aí, iremos derrotá-los — soou uma voz masculina desconhecida.

Os quatro simultaneamente foram invadidos por uma sensação estranha e imediatamente viraram os seus rostos para o Edy Chiran, que tivera finalmente pronunciando suas primeiras palavras.

— Como?! — Eles perguntaram sincronicamente.

CAPÍTULO VI – A ORGANIZAÇÃO

Faziam horas desde que Three M estava andando à procura da localização dos Descendentes da Noite, mas a chuva forte só dificultava o trabalho. Seu corpo, sujo e encharcado o deixava lento, mas devido a sua habilidade juvenil ele ainda tinha força suficiente para continuar andando. Depois de um bom tempo ele já podia ver um abrigo de madeira tomando forma, em todo seu perímetro estavam distribuídos alguns jovens armados que aparentavam estar cansados.

Ele precisava ser cauteloso, mesmo que a tempestade e a escuridão fossem suas aliadas, não poderia contar com elas para se defender deles, pois ele não conseguia identificar se os jovens armados eram os Descendentes ou os Seres das sombras, sem contar que ele estava cansado e lento. Three M havia avançado o suficiente para conseguir observar o ambiente. Abaixado em cima de uma pequena elevação de terra, ele tinha uma boa visão do local, pousou suas duas espadas no chão de terra lamacento e se posicionou estrategicamente para que não fosse visto.

— OK. Agora como eu vou chegar até aí sem ser atacado? — Perguntou para si mesmo.

Em meio ao som da chuva escutou o som de um ramo se partindo atrás dele. Era um momento de vida ou morte, não tinha tempo para pensar, apenas para agir. E foi exatamente o que ele fez, logo que se virou e saltou sobre a figura atrás dele se esquecendo das espadas no chão. Notou que era um homem empunhando uma arma. Num gesto rápido acertou um cruzado no queixo do mesmo, um cruzado capaz de deixar um homem comum desacordado, mas ao que tudo indicava aquele não era um homem comum, pois mesmo após receber o soco e deixado cair a arma, ainda teve energia para se manter em pé. Nos segundos seguintes ambos trocaram socos, quedas e chutes em pleno chão, que mais escorregavam do que acertavam ao alvo devido a lama e a água da chuva. A escuridão só tornava a situação ainda mais desesperadora. Three M tentava de todas as formas agarrar o pescoço do sujeito, mas isso se mostrava uma tarefa impossível, pois os braços de Three estavam cobertos de lama e escorregavam sempre que tentava. Mas para o homem, aquela não foi uma tarefa impossível, pois ele agarrou o pescoço de Three M com uma força quase que sobrenatural e falou:

— Seu espião de merda. Acha que pode vir aqui fazer o reconhecimento e sair impune? Você será torturado a noite inteira até nos contar tudo o que sabe.

Em meio as ameaças um relâmpago surgiu no céu em consequência da chuva, iluminando assim o rosto do homem. Three M reconheceu aquele rosto, era Jay Otchaly.

— Ja... J-Ja... — Ele tentava falar, mas era difícil devido aos braços ao redor do seu pescoço.

Num gesto rápido, simples e eficiente Three M usou seu corpo como uma alavanca para arremessar o oponente por cima de seu ombro. Seu oponente voou sobre seus ombros e caiu de costas no chão. Se não fosse o barulho da chuva, se ouviria seus ossos estalando após a queda. Rapidamente ele pegou suas espadas colocando-as no pescoço de Jay enquanto suspirava pela falta de ar.

— Jay...? Jay Otchaly? — Perguntou mas não esperou resposta. — Não grite ou sua cabeça voará daqui pra fora.

Ambos ficaram assim por alguns segundos até terem a certeza que um não gritaria ou decapitasse o outro. Em seguida retirou as espadas e se sentou enquanto segurava o pescoço e

respirava pesadamente. Rapidamente Jay pegou sua arma e se levantou em seguida, apontando a arma em direção a cabeça de Three M. Jay não se convenceria tão fácil assim.

— Quem é você? — Perguntou.

— Markus... Markus Mile Manton, mas prefiro que me tratem por Three M. E tire essa arma da minha cabeça.

— Nunca ouvi falar de você. Como sabe meu nome? Como chegou até aqui? Eu não conheço você, não temos informações de novos Descendentes chegando.

— Eu também não tinha ouvido falar de vocês até terem assassinado minha mãe — respondeu enquanto cerrava os dentes de raiva por ter lembrado daquilo.

— Por que é que eu deveria acreditar em você?

— Porque você ainda está vivo mesmo depois de ter lutado comigo — respondeu enquanto se levantava e ajeitava suas espadas nas suas costas.

Jay sorriu ironicamente exibindo dentes brancos e manchados de sangue. A visibilidade ainda era ruim devido ao tempo, mas a proximidade os permitia se verem melhor agora.

— Onde você pensa que vai? Ainda não respondeu todas as minhas perguntas. Responda! Como sabe meu nome?

— Não acha que os outros também gostariam de ouvir as minhas respostas... — Parou por um instante enquanto franzia as sobrancelhas de um jeito irônico. — Jay?

Jay não hesitaria em apertar o gatilho, afinal todo mundo era suspeito naquela ocasião. Ambos ficaram parados por um bom tempo, se encarando e sem dizer uma palavra.

Demorou um tempo para que Jay considerasse um desperdício estourar os miolos do homem. Depois de muito pensar, Jay coçou o queixo e disse em seguida:

— Vem comigo, um passo em falso e estouro sua cabeça.

Dez anos antes, numa cidade pacata, perto do que parecia ser uma praça pública, um menino de onze anos estava sendo castigado pelo roubo de uma carteira. Mal sabia ele que a carteira pertencia a um homem conhecido como Sir. Dave, um homem que comandava uma organização secreta composta por homens escolhidos a dedo por ele mesmo.

Após receber mais uns chutes do estômago, os homens encarregados de recuperar a carteira se viravam pra ir embora quando o menino, mesmo em seu estado crítico no chão, em tom de gozo gritou:

— COVARDES! Três homens contra uma criança? Covardes idiotas!

Os três homens se viraram quase que instantaneamente, o mais velho deles tirou uma arma de seu casaco e apontou na testa do menino. Quando ia apertar o gatilho, sentiu uma mão pesada em seu ombro. Era uma mão corpulenta com dois anéis de ouro no dedo. Ele conhecia bem aquela mão e se virou rapidamente fazendo uma leve reverência.

Sir. Dave em pessoa estava ali e impediu que o menino fosse eliminado. Sir. Dave gostava de crianças, ele sentiu empatia pelo menino e determinação no olhar dele.

— Como se chama, menino? E onde estão seus pais? — Perguntou Sir. Dave enquanto se abaixava em direção ao menino.

O menino segurou o estômago, cuspiu um pouco de sangue e respondeu em seguida com uma voz fraca:

— Markus Mile Manton... Meus pais já estão mortos há anos Senhor... — Respondeu e em seguida desmaiou.

Nos anos seguintes, Markus ficou conhecido pela organização como Three M, ganhou roupas limpas e refeições diárias. Aprendeu algumas técnicas de artes marciais, aprendeu a usar armas, espadas e outros instrumentos de luta.

Seu estilo, sombrio porém moderno, o destacava do resto dos homens que trabalhavam para a organização. Ele foi o único que conseguiu ir contra Sir. Dave para vestir o que quisesse e aquilo conquistou ainda mais a admiração e carinho de Sir. Dave. Three M jurou que dedicaria sua vida ao homem que o havia salvo naquele dia, e foi o que ele foi fazendo nos últimos anos.

Quatro meses antes de descobrir a localização dos Descendentes da Noite, Three M já era um homem formado, sua pele que um dia esteve suja com a sujeira da cidade, estava limpa e branca. Seus braços, pescoço e rosto possuíam tatuagens com significados particulares. Seu cabelo preto e liso que um dia foi sujo e piolhento, estava limpo e impecavelmente penteado.

Mas uma coisa nele não havia mudado, a determinação em seus olhos era a mesma. O olhar frio de um psicopata, que outrora podia assumir a doçura do olhar de uma criança, era essa a essência que Sir. Dave havia encontrado nele.

— Markus! Meu menino com ar de mauzão! — Sir. Dave exclamou enquanto Three M se aproximava de seu escritório seguido de uma gargalhada.

— Mandou-me chamar, Senhor? — Three perguntou enquanto se sentava frente ao Sir. Dave, assumindo assim o acento de uma das cadeiras do escritório.

— Sim, filho... — Parou enquanto dava uma baforada em seu charuto, levando em seguida o fumo preto para os pulmões, e soltando o fumo branco numa tosse pesada.

Tantos anos fumando estavam dando cabo dele.

—... Tenho uma missão para você. — Terminou colocando por cima da mesa, uma pasta recheada de papéis.

Three M pegou a pasta e começou a folhear os papéis pacientemente. Ficaram um bom tempo em silêncio, até que Three M se deparou com um papel que continha os seguintes dizeres:

#59º CASO: OS DESCENDENTES DA NOITE

Three M franziu as sobrancelhas e perguntou em seguida enquanto mostrava o papel em questão pra Sir. Dave:

— Quem são eles, Senhor?

— Calma filho, vou explicar. — Afirmou Sir. Dave enquanto apagava o charuto, assumindo um ar mais sério.

Three M se posicionou e em seguida a explicação começou.

— Eu e você, assim como os homens que trabalham para mim, sabemos que a nossa organização foi criada com o intuito de proteger os habitantes dessa cidade de fenómenos... Fenómenos que os humanos consideram anormais. Faz um tempo que esses fenómenos não têm ocorrido, certo? Mas, nas últimas semanas temos recebido informações de que esses fenómenos reapareceram.

Three M estava atento a cada detalhe, nem pestanejou sequer, pois já estava acostumado com aquele tipo de assunto, mas dessa vez parecia ser diferente.

— Fenómenos esses como pessoas com capacidades sobre humanas, ninjas voando, criaturas gigantes e monstruosas e mortes sem sentindo algum, têm sido avistados nessas semanas. E o ser humano tem a mania de julgar e ir contra aquilo que a sua mente limitada não compreende, digo por experiência própria... E isso resulta em guerras, revoltas e mortes, e a nossa organização foi feita pra impedir que o sangue de pessoas inocentes fosse derramado.

Recentemente descobrimos uma ligação profunda desses fenómenos, com pessoas que se designam como Descendentes da Noite. Aparentemente eles estão travando uma batalha contra seres maléficis, e infelizmente ainda não conseguimos identificar quem são esses seres e onde estão localizados. É aí que você entra — disse Sir. Dave apontando o dedo para Three M.

— Sou todo ouvidos, Senhor.

— Nós temos estado a investigar esses Descendentes desde que descobrimos a ligação deles com tudo isso, aliás, nós já temos a identificação de alguns deles, começando pelos pais e terminando nos filhos. Você terá que se infiltrar entre eles, criará uma história para que eles sintam que vocês têm o mesmo objectivo e terá que conquistar a confiança deles, conduzindo-nos assim até a localização desses seres do mal. Quando tudo estiver feito, aí nós tratamos do resto.

A organização de Sir. Dave possuía recursos de sobra para lidar com situações daquele porte, logo não seria um problema para eles.

— A partir de amanhã você receberá o treinamento certo para lidar com eles e conhecerá a identidade de alguns deles. Pois eu sei que para lidar com eles, você terá que estudá-los primeiro, e é isso que você fará durante esse tempo. Não será fácil, tenho que admitir, mas se você aplicar tudo que lhe ensinei, a missão será um sucesso, você terá que ser muito meticuloso.

— Certo. Acredito que já temos a localização deles. — Three M disse enquanto folheava os papéis novamente.

— Sim filho. Já obtivemos a localização deles mas você terá que ir sozinho, porque no momento você é o mais jovem de meus homens, será mais fácil se ligar com eles, e se forem todos de uma vez, a missão será um falhanço — respondeu enquanto coçava levemente a ponta de seu nariz. — Será implantado um chipe debaixo da sua epiderme para monitorarmos você e só avançaremos com seu sinal. Tenho muita confiança em você.

Three M aceitou a missão de bom grado, acertaram os últimos detalhes e terminam a conversa com um abraço forte. Apesar de Three M tratar sempre Sir. Dave como Senhor, ele o considerava como pai.

No esconderijo dos Descendentes da Noite, os nervos e a frustração estavam a flor da pele enquanto tentavam descobrir o mistério da fotografia da Monalisa.

— Ah, Da Vinci! — Trevor exclamou enquanto olhava atentamente para todos os cantos da fotografia de Monalisa que Edy havia entregado. — Porque é que mesmo depois de morto está dar-me problemas?

— Sinceramente falando, Trevor, eu estou há horas tentando entender como essa fotografia pode nos ajudar a descobrir a sede desses desgraçados, mas já estou cansado de tanto tentar entender, e o mudo aí nem dá nenhuma pista. — Kira disse apontando para Edy que se encontrava encostado a uma árvore tentando acender seu cigarro.

Trevor sorriu e olhou para o céu, deixando seu rosto sendo cariciado pelas gotas da chuva que estavam cessando.

— Ou teremos que ir para Itália, ou teremos que invadir o museu do *Louvre*, ou esse rapaz é doido e... — Aileen travou subitamente e se levantou em seguida colocando a mão na arma que tinha na cintura. — Ouviu isso Trevor? Temos que estar atentos, alguém está se aproximando.

— Deve ser o Jay. — Afirmou Trevor se levantando em seguida. — E mesmo se não fosse, você não lutaria porque está ferida, por isso fique quieta.

— Eu já me sinto muito melhor para lutar.

Trevor revirou os olhos a ignorando. Colocou munições na arma e disse direccionando sua atenção ao local de onde Aileen ouvira o barulho:

— Kira. Vem comigo... — Parou de súbito olhando para Edy que não mostrava qualquer reacção. — Ei, você cuide dela.

Sem antes mesmo saírem do local, observaram Jay se aproximando com Three M. Excepto Edy, todos se colocaram em posição de combate apontando as armas em direcção ao sujeito que vinha com Jay.

— Parece que é uma semana de visitas. — Afirmou Kira num tom irónico.

— Será que já posso dar um tiro nele? — Perguntou Aileen enquanto aproximava a arma à cabeça de Three M.

— Calma, menina. Eu encontrei ele observando o local. Acho que ele sabe de alguma coisa porque ele sabe nome. — Respondeu Jay enquanto afastava a arma de Aileen da cabeça de Three M.

— Como você conhece o Jay? — Aileen perguntou sem permitir que Jay afastasse a arma da testa de Three M.

— Nossa... vocês são tão agressivos. — Disse num tom cínico. — Será que não podem ser mais como o vosso amiguinho ali? — Afirmou enquanto apontava o dedo para o Edy.

O mesmo não esboçou reacção alguma. Continuava encostado à árvore fumando seu cigarro.

— Agora eu quero mesmo matar ele — afirmou a Aileen.

— Calma, Aileen — apelou o Kira.

— Responda logo, estou a ficar impaciente — disse Trevor num tom de voz aborrecido.

Three M não respondeu, nem sequer pestanejou. Estava sossegado e encarava cada um dos deles, vendo desconfiança e raiva nos seus olhos, tinha certeza de que não hesitariam em acabar com ele naquele instante. O clima ficou pesado, nem o barulho da chuva que estava cessando escondia as vibrações fortes que saía de cada um.

Num jeito simples e sereno, Three M se sentou no chão e disse apenas seis palavras com seu tom de voz rouco:

— Eu também sou um Descendente da Noite.

CAPÍTULO VII – A MORTE E O RESSURGIR

— Levanta-te e deixa de dramas — disse Trevor Cooper trincando nos dentes um cigarro. Ainda estavam na instalação da floresta interrogando o Three M.

— Sim, amado mestre — respondeu Tree M ironicamente.

Trevor Cooper olhou a sua volta para ver se havia mais alguém.

— Jay, Kira e Aileen, peguem a van e dirijam-se para outra instalação, eu já vos alcanço.

— E o Tree M? — Perguntou Jay.

— Ele fica comigo.

Jay, sem demora pegou na van e como Trevor Cooper ordenara dirigiram-se para as instalações de Castlana, cidade onde Aileen nasceu.

— Jay, algo aqui está estranho — disse a Aileen desconfiada quando chegaram à instalação.

— Não há nada, Aileen. Fica descansada — respondeu sorrindo.

— Aileen tem razão. Eu estou com um mau pressentimento. Fiquem em posição de combate — disse o Kira cerrando os dentes.

Eles subiram as escadas, mas não viram nada até ouvirem um barulho vindo na sala de reuniões.

— Abra a porta, Jay. Aileen fique atrás de mim. Você está ferida.

— Eu sei, mas eu fico bem — respondeu preparada para uma luta.

Assim que Jay Otchaly abriu a porta, lá estava um jovem alto, de cabelos longos e muitas tatuagens no corpo e no rosto e uma espada nas costas. Levava consigo uma caixa que pousou sobre a grande mesa no centro da sala.

— Sejam bem-vindos, invasores — disse sentado sobre a mesa.

— Quem é você? — Perguntou Kira, segurando sua espada.

Mas nenhuma palavra saiu da boca dele, nem mesmo se moveu.

— Quem é você? — Kira perguntou novamente com a raiva espelhada no rosto.

— Eu pensei que os invasores de hoje fossem mais educados — respondeu sorrindo, mas sem se levantar.

Kira tirou sua espada e correu rapidamente em direção ao jovem, que partiu a espada de Kira com sua *Mokuba*, nome que deu à espada em homenagem ao seu avô Mokuba Kaiba.

Kira ficou surpreso por ter sua espada partida mas não se deu por vencido e deu um soco que atingiu bem o rosto dele. Kira tentou atingi-lo com um outro golpe, mas sem êxito, tentou outro golpe mas ele travou com o brilho de seus olhos que nunca pareceram normais por serem totalmente brancos. Na distração de Kira por causa da luz, o jovem segurou-lhe pelo pescoço.

— Já que queres saber quem sou, meu nome é Jeremy Takeshi Kaiba, o teu maior pesadelo — falou cortando-lhe a garganta sem dó nem piedade.

— Não! — Aileen gritou chocada.

— Seu desgraçado! — Disse Jay com os olhos consumidos pela raiva.

Quando eles se preparavam para atacar Jeremy, Trevor Cooper e Tree M entraram na sala e ficaram chocados com o que viram.

— O que foi que você fez, Jeremy Kaiba?! — Trevor Cooper perguntou furioso.

Jeremy Takeshi Kaiba é herdeiro de uma riqueza lendária no Japão. Nunca conheceu seus pais, sendo que os mesmos decidiram mandar-lhe para Castlana, onde fora criado pelo seu avô Mokuba, desde os seus dois anos de idade.

Seu avô Mokuba era um samurai japonês que abandonara seu país por conta das constantes perseguições, fruto de sua riqueza que deixara para seu filho Takeshi Kaiba, pai de Jeremy.

Quando Jeremy completara seus cinco anos de idade e começara a frequentar a escola, Mokuba começou a treiná-lo com o objectivo de tornar Jeremy, seu neto que amava a arte milenar, no melhor samurai da história.

Aos dezoito anos, Jeremy desenvolveu uma grande paixão por espadas, inspirado pelo seu avô desde muito cedo. Começou a estudar arqueologia, desenvolvendo ainda mais a paixão por armas e metais que descobria ao longo dos estudos.

Um belo dia Jeremy havia levantando-se cedo para ir à escola, deixando Mokuba ainda a descansar. Ao voltar da escola encontrara Mokuba ainda deitado em seu leito. Coisa que o surpreendeu.

— Avô, o que se passa? — Perguntou Jeremy preocupado.

— Eu estou ficando velho e meus ossos já não suportam a minha grande vontade de viver.

Jeremy o olhou angustiado.

— Não fique triste, meu neto. Eu sei que você vai ficar bem.

— Mas avô...

— Oiça, me resta pouco tempo de vida, eu consigo sentir isso.

— Não diga isso, avô. Por favor — nervoso e desesperado.

— Eu quero que saibas que teus pais não te mandaram aqui pelas perseguições que sofríamos, mas sim pelo medo que tinham de você.

Ele olhou para o seu avô, confundido.

— Você sempre foi um menino especial e eu não tive problema em recebê-lo, meu amado neto e tenho muito orgulho do homem que você se tornou.

— Eu é que sou muito grato ao senhor, avô — disse Jeremy chorando, pois sabia que se despedia dele.

— Takeshi Kaiba, seu pai, morreu no ano passado. Ele sempre foi um fraco, e só queria saber do dinheiro, por isso não contei nada para você. Você está com a maior das riquezas que é o *espírito Kaiba* deixado pelos nossos antepassados. Com esse espírito activo em você, você é capaz de ceifar uma cidade inteira.

— Eu vou honrar os Kaiba com toda a minha força — disse determinado.

— Ahh! — Mokuba suspirou profundamente.

— O que se passa, avô? Já é o momento?

— V-vá para o e-exército. Lá encontrarás o General Raimund Ray — disse e fechou os olhos.

Naquele mesmo dia o velho Mokuba morreu nos braços do seu neto amado.

Um ano após a morte do avô, Jeremy Kaiba era um soldado do exército de Castlana e o General Raimund Ray era o único que sabia a verdade sobre ele.

— Ratos desgraçados, hoje temos guerra e a lei é matar ou morrer! Nós somos a minoria. Cem contra quinze não é justo, eu sei. Mas somos os melhores guerreiros de Castlana. Vão, vão e vão! Não temos mais tempo a perder, vão! — Ordenou o general Raimund Ray.

— Soldado Jeremy, espere.

Jeremy parou.

— Essa espada era do teu avô — entregando-a. — Ele pediu para entregar-te quando viesses para cá — disse olhando nos olhos brancos de Jeremy Kaiba.

— Obrigado General Ray!

— Bom combate — falou com um sorriso no rosto e Jeremy se juntou aos outros.

Aquele era o primeiro combate da vida de Jeremy e ele carregava consigo o ódio, a dor da perda e o desejo de ceifar vidas com a sua espada feita de *vibrânio*, um metal muito poderoso vindo de África e com o espírito Kaiba no seu mais alto nível contida nela.

Naquele dia, Jeremy Kaiba matara cem soldados inimigos, no fio de sua espada, deixando seus parceiros de guerra inúteis e sem acção. Quando voltaram da guerra, todas as pessoas comentavam sobre o que acontecera.

— Jeremy Takeshi Kaiba, agora sim, sei que tens o sangue real dos Kaiba — disse o General sorrindo orgulhoso. — Venha comigo — subindo em um carro e Jeremy o seguiu.

General Raimund Ray levou Jeremy até às instalações dos Descendentes da Noite em Castlana pela primeira vez.

— Aqui é o teu lugar, jovem Kaiba — sorriu e lhe contou sobre os Descendentes da Noite.

— Obrigado, General Raimund Ray. Pela confiança e por tudo.

Ambos sorriram e apertaram as mãos.

Trevor Cooper tinha tanta raiva e se aproximou do Jeremy olhando-o directamente.

— Trevor, você o conhece? — Perguntou Jay olhando para o Jeremy com ódio.

— Ele é um Descendente da Noite. — Trevor Cooper respondeu com os dentes cerrados, sem tirar vista do Jeremy.

Aileen olhou para Jeremy com mais raiva ainda.

— Você matou seu próprio parceiro, seu idiota! — Falou enfurecida.

— Eu posso ressuscitá-lo. — Jeremy falou sorrindo.

Todos o olharam surpreendidos.

Então Jeremy abaixou-se até o corpo de Kira, acendeu seus olhos brancos, abriu a boca de Kira e soprou. De repente e rapidamente o ferimento na garganta começou a se regenerar e Kira se levantou tossindo, com suas roupas ainda ensanguentadas deixando todos mais surpreendidos e contentes por o verem vivo novamente.

— Me desculpe por te matar. Mas você me atacou, então... — disse o Jeremy sentando-se.

— Custava ter respondido a minha pergunta sem chegarmos a esse ponto? — Disse ainda com raiva enquanto pegava sua garganta.

— É. Bem colocado — disse sorrindo.

CAPÍTULO VIII – O OUTRO LADO DO JOGO

Zonbrist e Raimund pareciam tensos. O semblante triste em seus rostos era difícil ser ofuscado pelo sorriso suave ao verem Ster entrando pela porta. Ao vê-los Ster sabia que algo de errado aconteceu, de alguma forma ela conseguia sentir a angustia e a ansiedade nos rostos daqueles que são os Guardiões dos Descendentes da Noite.

— Oi Ster. Precisamos falar contigo, sente-se — disse a Zonbrist enquanto ajeitava a cadeira lateral de uma mesa rectangular composta de dez lugares, que ficava defronte a parede com cinco telas conectadas com a infra-estrutura de rastreamento temporal e sincronização com as demais sedes.

— Ster, infelizmente temos notícias ruins. Seu pai morreu — começou dizendo o General Raimund sem muito rodeio.

Ster com os cotovelos sobre a mesa, levou a cabeça sobre o concreto amassando seus cabelos.

— Como assim morreu?! Falamos há três dias — respondeu com a voz trémula. — Como isso aconteceu? — Questionou levantando o rosto, fixando um olhar triste sobre os Guardiões, deixando pequenas manchas de lágrimas caídas sobre a mesa.

— Ele morreu ontem à noite tentando proteger uma Descendente como tu. O nome dela é Aileen Mercian e seria sequestrada pelo seu tio. Acabamos de descobrir que o tio dela sofreu uma hipnose depois de ser expulso da organização e a sua empresa era uma das sedes dos Seres das Sombras camufl...

— Eu quero ele — disse interrompendo de imediato. — Eu quero o sangue dele nas minhas mãos — continuou enfurecida pelo sucedido.

Ster só conheceu seu pai Sterk na véspera do seu aniversário de dezoitos anos que foi há seis meses e eles tinham somente conversado por vídeo chamada. Sterk havia se retirado do cargo de Guardião dos Descendentes da Noite há dezoito anos, quando por amor envolveu-se com *Ciane*, uma Ser das Sombras que segundo ele, era diferente. Então dedicou sua vida à cuidar de Aileen por pedido do seu amigo, pai da Aileen.

— Ele foi encontrado morto no seu escritório e nossas fontes dizem que foi a própria Aileen que o matou — respondeu Zonbrist acariciando o rabo-de-cavalo de Ster para confortá-la.

— E onde está ela? — Indagou Ster.

— Ela será achada pelo líder de operações Trevor Cooper.

Ster não sabia como se sentir. Ela viveu toda a sua vida dentro desta organização em Castlana, aprendendo combate corpo a corpo, manuseio de armas e sentido lógico. Mas apesar de ser tão boa nestes aspectos a regra era clara: *“Novos descendentes só entram em acção depois dos dezasseis anos ou caso seu parente membro estiver morto. Excepto em situações extremas”*. Ster levantou-se da cadeira e suspirou.

— Preciso ficar sozinha.

— Claro, querida. Mas antes preciso perguntar... — Remeteu Zonbrist com o tom de voz desconfortável.

— Não, não precisas — respondeu ela sabendo o que ele queria perguntar. — Eu já disse, assim que se manifestar vocês saberão. E sinceramente se eu tivesse essa habilidade de previsão

que supostamente herdei de minha mãe, já teria se manifestado — falou enquanto alcançava a porta.

— Antes que me esqueça — salientou Raimund enquanto coçava a barba —, tem um novo rapaz e preciso que sejas tu a mostrar-lhes as instalações. Ele será seu parceiro daqui a algum tempo. Seu nome é Edy Chiran — terminou.

Ster somente acenou com a cabeça e saiu da sala.

Passaram-se quatro meses desde que Edy e Ster conheceram-se e fazia um mês que estavam em campo e Ster nunca havia ouvido a voz de Edy. O máximo que conseguiu foi um sorriso súbtil. Por isso sabia tão pouco dele, mas isso não a inibiu de transmitir tudo que aprendera na sede. Seus ideais, histórias e seus inimigos. Quanto às habilidades, Edy demonstrou estar à altura.

Depois de mais uma missão de reconhecimento eles caminharam de volta à base. Eram por volta das três horas quando olhando pela janela Ster viu Edy sentado no parapeito do terraço do outro lado do prédio. Ster levou a mão no bolso do casaco e tirou uma fotografia da Aileen que roubara na sala de arquivos e ficou apreciando. Depois de alguns segundos levantou-se e na tentativa de apoiar-se tocou com as palmas da mão no rosto da Aileen e seus olhos mudam de cor subitamente como se ela estivesse em um microssono. A imagem que ela via no seu subconsciente moviam-se muito rápido a cada piscar de luz, lutas, vozes sussurradas sobre o ar, terra enxaguada de sangue. Tudo parecia confuso e distorcido e então ela viu um Ser das Sombras apontando uma flecha sobre o coração da Aileen e não hesitou em atirar matando-a instantaneamente. De repente seus olhos voltaram ao normal e ela ficou assustada, porém sabia que esta é a habilidade com que sua mãe era descrita. Ster alcançou a janela e pulou-a correndo em direcção ao Edy.

— A Aileen vai morrer! — Gritou com a voz ofegante assustando Edy que já tinha pegado sua espada. — Precisas ir ter com eles. Precisas salvá-la — continuou.

Edy simplesmente olhou no rosto dela e balançou a cabeça em sinal de desaprovação.

— Por favor, Edy. Por favor. Eu preciso que ela esteja viva, que ela me conte como era meu pai, como ele morreu. Edy, por favor, preciso conhecer quem me substituiu na vingança pela morte do meu pai. Você não tem ideia do que é perder seu pai duas vezes.

As lágrimas tomaram conta do seu rosto que ela baixou para esconder.

Edy estava acostumado a carregar sua dor sozinho e ao ver o desabafo de Ster lembrou-se de suas perdas. Ster sentiu os dedos pesados do Edy em seu rosto e sem dizer nada ele limpou suas lágrimas e a encarou. Em um momento de fraqueza Ster o beijou por breves segundos e sentido a frieza dos lábios do Edy como se nada importasse afastou-se.

— Desculpe, não sei o que me aconteceu — disse envergonhada pelo acto.

Edy a olhou e acenou com a cabeça em sinal de aprovação.

— Precisas partir agora. Eu tenho que conversar com os Guardiões. — Tirou do seu bolso uma fotografia de uma das obras do Da Vinci, a Monalisa. — Vi esta fotografia e creio que tem a resposta de onde está localizada a sede dos Seres das Sombras.

Edy pegou a foto e partiu para a possível salvação.

Sem o conhecimento dos Guardiões, nas últimas semanas Ster tem dominado suas habilidades sobrenaturais, sendo que as visões ficaram mais nítidas apesar dela ainda não ver por si só. Ela despertou mais uma habilidade, a leitura de mentes desde que haja contacto físico. Ster estava feliz por conseguir alterar o destino da Aileen, mas preocupada com a descoberta da

imortalidade do Trevor e a ligação com a sua última previsão que mostrara a possibilidade de matar o bicho papão dos Seres das Sombras. Então ela pediu ao temível Jeremy Takeshi Kaiba que alertasse-a assim que Aileen e sua equipa chegassem.

Na instalação de Castlana, os Descendentes tentavam descobrir alguma informação referente à fotografia da Monalisa.

— Edy. Precisamos de mais informações. Como essa fotografia nos levará à sede dos inimigos? — Questionou Aileen.

Apoiado sobre a parede, Edy apenas acenou negando.

— Isso é uma brincadeira. Essa foto não tem relação com os Seres das Sombras — afirmou Three M.

— Edy, de onde tirou essa ideia? — Trevor perguntou com a voz de autoridade.

— Esta foto não vos levara à sede, mas ao Castelo de *Lisa del Giocondo* — disse Ster aparecendo, prendendo a atenção de todos na sala.

— E o que faremos lá? Espera aí! Quem é você? — Jay se adiantou em perguntar por todos.

— Eu não entendo como está configurada a segurança desse lugar. Qualquer pessoa entra aqui como se fosse uma praça pública — disse a Aileen cruzando os braços parecendo furiosa.

Assim que a ouviu falar, Ster a encarou.

— Sou a pessoa que pediu para Edy salvar Aileen — respondeu.

Agora Aileen a encarou.

— Entendam, eu posso conseguir a localização lendo a mente de um dos Seres líder. O problema é matar o bicho papão. No castelo está o arco de *Héspero*, a única arma que pode matar o líder deles.

Kira deu um sorriso sarcástico.

— Uma flecha. Sério? Eu ouvi que nem mesmo dois mil tiros o podem matar, ele é imortal, rapariga — argumentou.

— Este arco foi tocado pelos deuses e é o único que pode matar um imortal — respondeu Ster imediatamente que reparando no excesso de sangue na roupa de Kira, ignorou. — Desde que quem atirar seja também um imortal, ou seja, você, Trevor Cooper — dando o seu ultimato.

CAPÍTULO IX – A PINTURA ENIGMÁTICA

Depois de ouvir o comentário de Ster, Trevor decidiu isolar-se ao pé de um arbusto. Estava planejando a melhor estratégia para prosseguir com a missão e a ideia de ser ele a pegar o Héspero o incomodava pois sabia que era uma tarefa difícil de concluir.

— Durante esses todos séculos nunca estive tão desconfortável em executar uma tarefa de guerra. Sempre sonhei com o dia em que assistisse o fim deste império mefistofélico, mas pareço agora estar em crise de personalidade. Será isto medo? Não, eu sou Trevor Cooper! — Meditava nessas palavras.

— Parece que o *meeting* mudou o semblante de Trevor, parece perplexo — disse Jay observando Trevor de longe conjuntamente com os outros Descendentes.

— No lugar dele eu ficaria bastante animada, deve ser fantástico ver o Rei dos Seres das Sombras nas minhas mãos suplicando por vida — disse Aileen.

— Aileen... — Sussurrou Ster com voz tímida quando Aileen se retirava.

— Disseste alguma coisa, Ster? — Questionou Three M.

— Não... não disse nada, foi impressão sua, mera impressão tua — respondeu um pouco desajeitada e procurou retirar-se imediatamente.

— Durma o bastante, Ster — recomendou Three M.

Ster confusa com a sugestão acenou com as mãos sem olhar prá trás e prosseguiu andando.

Nesta noite, Trevor e Kira ficaram de vigia. Ao amanhecer, ainda antes do galo cacarejar, Trevor observava a fotografia da Monalisa pormenorizadamente em todos os detalhes, mas nada parecia incomum.

— Linda, não é? De certeza que a sua beleza deve ter desencadeado muitas guerras entre as realezas — comentou Jay ainda com as pálpebras inchadas pela noite mal dormida.

Trevor permaneceu alguns instantes em silêncio.

— Deixa de parvoíces, Jay. Estou tentando achar algum sinal incerto, mas parece uma fotografia comum — disse melancólico e com os olhos fixos nos detalhes da fotografia.

— Pois é. Merda! — Exclamou Jay e os outros Descendentes se juntaram a eles.

— Acho que conheço alguém que poderá ajudar-nos nessa missão. — Ster entrou em cena despertando novamente a atenção solene dos presentes.

— Não acho. Tu não podes aparecer do nada na equipa e fazer o papel de guia. Nem sequer fazes parte da equipa — interveio Aileen com o punho sobreposto à mesa, desconfiada.

— Basta, Aileen. Precisamos de informações, as nossas perspectivas pessoais sobre os factos não podem inteferir no sucesso desta missão. Vamos escolher confiar, não temos nada a perder. Prossiga Ster — disse Trevor com o semblante sério.

— Algum quilómetro à Este do monte Evereste, especificamente na cidade de Ânchor, um sobrevivente do terramoto que devastou a cidade inteira pode ser capaz de conduzir-nos ao castelo de Lisa del Giondo. Há depoimentos interessantes sobre as suas habilidades, aliás, como ele sobreviveu já é um tanto questionável — finalizou.

— O que estamos esperando? Vamos para lá então! — Disse Three M animado.

— É imprescindível que estejamos unânimes nisso. Vamos para lá e estar mais próximos de acabar com o maldito Rei dos Seres das Sombras? — Perguntou Trevor gritando.

— Sim! — Responderam com as vozes sedentas por justiça.

— E tu, Edy? — Questionou Trevor.

Edy estava junto a parede com os braços cruzados e parecendo desacordado. Este fez um sinal com a cabeça em resposta.

— Isto deve significar um sim — comentou Aileen, que afastou-se dos demais em seguida.

— Muito bem! Vamos a isso! — Disse Kaiba ansioso.

A viagem foi longa, no entanto, em nenhum momento foram interceptados pelos Seres das Sombras. Quando lá chegaram ficaram atônitos com o que viam. Parecia não haver um animal sequer habitando no local.

— Ster, de certeza que é aqui onde o homem mora? — Questionou Trevor ainda aturdido com o que via.

— Eu disse a vocês que é um tanto questionável como ele sobreviveu a um terremoto desta magnitude. Ademais, se os outros relatos que ouvi a respeito dele são mesmo verdade, então, já deve saber que tem visitas — respondeu enquanto fixava os olhos nos detalhes da vegetação.

Eles pegaram as armas imediatamente, atentos. O silêncio tomou conta do lugar por alguns minutos enquanto pesquisavam cada detalhe daquele lugar.

— Ora, ora... Vocês devem ser os Descendentes da Noite. Pois é, a vossa fama invadiu até um lugar desamparado como este.

Ouviu-se a voz de um homem comum mas não viam ninguém.

— Não viemos em nome de guerra. Precisamos chegar até ao Castelo de Lisa del Giondo e precisamos da sua ajuda — disse Kira enquanto segurava firme as suas armas.

— Interessante. Eu esperei por vós, mas vejamos se são realmente os Descendentes genuínos.

— Porquê não aparece, estranho? — Aileen questionou olhando para todos os lados preparada para qualquer ataque.

Então a terra tremeu, um portal mecanizado se abriu e dali saiu um homem de túnica branca com os punhos cruzados pelas costas, vinha caminhando lentamente.

— Preparem-se — sugeriu Jay.

— Aileen Mercian. Você soube falar meu nome com cortesia — comentou o homem vindo em passos mais largos.

— Como sabe o meu nome? E... Estranho? — Confusa mirou sua flecha para o homem que fê-lo parar quando ela disparou.

— Estudei a vossa jornada por um bom tempo e esperei ansioso por esse dia. Afinal, sou o único capaz de guiar-vos até ao Castelo de Lisa del Giondo — respondeu e continuou. — Estranho é um nome interessante, mas eu prefiro que me chamem de Decoder — terminou com um sorrindo delirante.

— Decoder. Precisamos de sua ajuda. Temos a penosa tarefa de chegar até ao Castelo de Lisa del Giondo mas o único dado que temos é essa fotografia aqui — disse Trevor mostrando a fotografia de Da Vinci e gesticulando aos outros descendentes para baixarem as armas.

— Entrem! — Decoder chamou-lhes para entrarem no seu esconderijo, embora um pouco desconfiados não hesitaram em entrar.

Decode convidou-lhes à mesa e todos ficaram fascinados com a arquitectura do lugar.

— Dá-mo a fotografia e atente — disse Decoder à Trevor, ganhando a atenção dos demais e então começou a falar. — Durante séculos o Castelo de Lisa del Giondo era facilmente

localizável por qualquer pessoa comum, mas a elite mudou a localização para um lugar desconhecido através de um portal quântico, esse feito sacrificou milhares deles porque gastaram muita energia cósmica, sabiam que o Héspero representava uma grande ameaça para as potestades da maldade...

— Não seria mais fácil eles destruírem o Héspero? — Questionou Kaiba.

— Negativo. O Héspero foi forjado pelos deuses, certamente nenhum Ser das Sombras resistiria ao seu brilho, isso tornou inconcretizável qualquer tentativa de destruí-lo. Então a melhor tática foi tornar o castelo inacessível. Porém, alguns séculos depois Da Vinci recebeu a instrução de um suposto traidor dos Seres das Sombras para projectar a localização do Castelo em uma das suas obras. Ao que parece, esse Ser desejou o fim dos seus parceiros, quando descoberto foi sentenciado a morte. Desde então, os Seres das Sombras procuraram destruir todas as obras originais de Da Vinci, de sorte que já havia milhares de cópias espalhadas pelos quatro cantos da terra. Mas ninguém conseguiu nada com as obras, nem os criptólogos mais hábeis conseguiram localizar o castelo a partir da interpretação dos quadros de Da Vinci. A elite graças as suas fontes de inteligência descobriu que eu seria capaz de descodifica-las, desde então, mantenho-me escondido aqui. Vivemos acreditando que os Seres das Sombras são grandes mágicos, mas a verdade é que tudo quanto fazem tem um respaldo científico. Não há magia em si, há *ciência*. As coordenadas da localização do castelo estão codificadas na coloração da pintura Monalisa em uma escala computacional.

— Mas não havia computadores no Renascimento — indagou Aileen.

— Não havia entre pessoas comuns, mas os Seres das Sombras já tinham tecnologias alienígenas com as mesmas características das tecnologias modernas — olhando para Aileen. — Da Vinci usou uma dessas tecnologias para codificar as coordenadas do castelo — acrescentou.

— Então, como podemos descodifica-la se não temos as mesmas tecnologias? — Questionou Three M.

— Tu disseste que podes descodificar, então mostre-nos — falou Edy levantando-se da mesa.

— Venham — disse Decoder enquanto caminhavam para uma das câmaras do esconderijo.

Quando lá chegaram ficaram maravilhados com as máquinas que viam. Trevor reconheceu algumas delas.

— Já vi essas máquinas antes, foram projectadas por *Julius Berceba* e só ele saberia usá-las, mas elas foram saqueadas há décadas. Diz a verdade, quem é você?! — Trevor disse apontando a arma para Decoder.

Decoder riu.

— Você não mudou nada, VegasT — disse Decoder enquanto ligava as máquinas.

— Tu disseste VegasT?! Foi o meu codinome há muitos anos e nunca revelei a um membro fora da equipa.

— Decoder é o meu codinome também. Eu sou Julius Berceba — respondeu revelando a sua real aparência através da metamorfose, uma das suas habilidades.

Os descendentes o olharam surpresos. Todos sabiam que o lendário Julius Berceba morreu há séculos.

— Agora que já sabemos quem és, vamos ao que interessa porque estamos ficando sem tempo — disse Star impaciente, porém confusa como a telepatia não funcionava com Decoder.

— Coloquem a pintura nesse *scanner* — disse Decoder apontando para uma parte vidrosa da máquina.

Parecia uma máquina incomum com muitos mecanismos de manuseio analógico.

— Cada informação codificada em uma pintura tem um código *alfa* para a descriptografar, em especial na pintura de Da Vinci. Assim, ainda que peguem a máquina para extrair a informação dela, seria um insucesso, porque precisariam do código para que foi atribuído pelo próprio Da Vinci — falou enquanto inseria o código 5000 na máquina.

— Como sabe que o código é 5000? — Questionou Aileen ainda maravilhada com o sistema da máquina.

— Da Vinci codificou segundo a numeração romana, e para ser menos pensável possível foi introduzido segundo a disposição da oração *Descendentes da Noite*, ou seja, segundo as consoantes iniciais. Sendo *D* - 500 e *N* - 0, porque *N* não faz parte da contagem romana, então, juntando os dados 500 e 0, *voilà!* Temos 5000 — respondeu satisfeito.

Depois de introduzir o código para descodificar as informações que continham a pintura, surgiram no grande ecrã alguns dados relativos às coordenadas geográficas: 11' 125623' 121'.

— Em palavras miúdas... — Continuou.

— No coração do deserto do Saara — terminou Aileen deixando Decoder minimamente surpreso.

— Vão e eu irei ao encontro de vós no momento certo — disse Decoder enquanto saíam do esconderijo.

Estando fora, Trevor tomou a palavra:

— Temos agora a localização secreta do Castelo de Lisa del Giondo. Preparem-se porque agora sim a derradeira jornada para dar o ultimato ao império dos Seres das Sombras...

— Começou! — Finalizaram eles.

CAPÍTULO X – O LADO OSCURO

A secretária entrou na sala e todos pararam de falar. Vestia uma roupa justa, carregava um copo de café e uma caixa colorida de bolinhos. Deixou-a na mesa e se retirou ao olhar de todos policiais.

— Muito bem, continuando — disse o delegado se virando para o quadro que estava prostrado ali.

A sala estava escura apenas com a luz dos abajures nas mesas e um pequeno holofote iluminando o quadro limpo. A chuva caía forte no lado de fora criando riscas no vidro embaçado.

— Temos aqui no total nove criminosos — continuou o delegado pegando um monte de fotografias em sua mesa. — Podem ser mais, então temos que ficar atentos. Aileen Mercian — colando a foto dela no quadro marrom.

A foto era antiga e mostrava uma Aileen mais nova, olhando aborrecida, devia ser uma foto para algum documento.

— Jay Otchaly, Kira, Kaiba, Edy Chiran e Markus Mile Manton conhecido por Three M — continuou fazendo o mesmo que fizera à fotografia da Aileen. — Ruivo pegou o mentor desse Three M, o tal Dafe...

— Dave — corrigiu outro polícia.

— Isso mesmo. O pegou quando tentava comprar charutos contrabandeado com os cubanos do oeste — disse o delegado saboreando a pequena vitória.

— Pode ser um trunfo, então peguem leve com o velhote — disse o outro polícia.

— Não olha assim para mim. Foi a Mia quem quebrou o nariz dele. — Se apressou a dizer Ruivo quando recebeu um olhar feio do delegado repreendendo-o.

Miabufou zangada.

— Ster — continuou o delegado, se virando para o quadro. — Zonbrist e por último não menos importante, Trevor Cooper.

— Esse aí é o difícil de ser rastreado — falou um dos policiais com o distintivo brilhando no peito.

— Mmm — murmurou o advogado dando um gole no seu café. — Sei, vai ter um gosto diferente pegar ele. É um indivíduo misterioso. Até onde vocês conseguiram rastreá-lo?

— Os arquivos dizem 2014 — respondeu uma polícia sentada na ponta de uma mesa e tirou alguns papéis de cima de sua banca. — Foi capturado por uma câmera durante aquela chacina na baixa e desde aquele dia nunca mais foi visto — franziu o cenho e tirou os olhos castanhos dos papéis. — O que é estranho já que os outros estão sempre se expondo, o nosso modelo é o Jay — riu atirando o arquivo numa mesa e várias fotos de Jay apanhado pelas câmeras de segurança deslizaram sobre o vidro.

Todos riram. O delegado pareceu pensar por momentos, seu café esfriava na mesa e sua *Glock* se destacava na cintura. Não tirava ela nem mesmo dentro de uma delegacia, era cauteloso. O descuido já levava pessoas importantes.

— Prestem atenção — falou com a voz impassível e todos os olhos se viraram para ele, algumas conversas miúdas morreram. — Quando pegamos esse caso mofando nos arquivos, esses criminosos já estavam por aí. Fazemos isso há tempo demais, não podemos desperdiçar essa oportunidade. Essa é a operação das nossas vidas, parceiros — andando pela sala

gesticulando. — Essa é a história que nos orgulharemos de contar quando tivermos netos ou bêbados em algum bar com amigos, meus companheiros.

— Se não morrermos nessa operação, claro — rogou um homem grande, que estava sentado com os braços cruzados, rosto resoluto e o maxilar projectado e com o cabelo grisalho, não vestia farda, apenas botas e jeans, uma camisa cinzenta justa destacando seus músculos, e no colete sobre seu peito que dizia *polícia* descansava sua *M4*, carregada.

— Todos têm noção do perigo, *Yellowhead*. Não somos amadores — respondeu o delegado olhando pra ele contrariado.

Não o suportava, mas dera informações importantes sobre os Descendentes da Noite, ainda assim seu instinto lhe dizia que o homem tinha sua própria missão.

— Que seja. Só quero que todos voltem para suas famílias — disse *Yellowhead* se levantando, a cadeira foi jogada pra trás e ele se virou se prostrando perto da janela, sério e olhando a rua, onde chuva molhava os carros estacionados.

— Quando entramos? Ruivo — perguntou o delegado.

— Dois dias — respondeu, mascando uma pastilha. — Parece que algo grande vai acontecer e se tivermos sorte vamos prender um monte de filhos da puta.

Alguns séculos antes

Duas crianças corriam de baixo da chuva entre os galopes dos cavalos que laçavam lama e águas paradas. Carroças de abóboras e repolho saíam e entravam na pequena vila. Mulheres com pecados inimagináveis e dentes podres liam a sorte nas esquinas com cartas brilhantes. E comerciantes barrigudos vendiam pães quentes, depois de coçar o rabo sujo.

— Vamos, Trevor, corre! — Gritou uma menina que estava na frente sorrindo.

O menino que corria de modo tímido e descalço parou com rosto aborrecido, quando começou a se sentir cansado.

— Para onde vamos, Marie? Eu estou com medo — disse à irmã.

— Já chegamos, vem ver. — Ela parou perto de um poço no meio da vila.

O poço era feito de pequenos blocos podres e com eras entre as frestas que estavam ali há séculos. Uma corda presa numa alavanca descia para o fundo do poço suspendendo um balde de madeira antigo que roçava na água fria e turva. Trevor se aproximou relutante. Marie estava muito excitada sorrindo e pulando.

— Olha, olhá-la — apontou.

O pequeno Trevor subiu num pequeno tronco apoiou suas mãozinhas na superfície viscosa e húmida e se inclinou sobre o poço.

— Não estou vendo nada — disse aborrecido, e sua voz fez eco no poço.

Um homem passava naquele momento carregando madeira para sua fogueira. Lançou um olhar desgostoso sobre as crianças.

— Cuidado com o poço, Trevor — avisou o homem.

Era Muntu, seu tio. Um homem cauteloso e com olhar rápido para as coisas.

— O que estão fazendo aqui?

Trevor virou a cabeça e deu de encontro com ele. Era enorme para Trevor que precisava olhar para cima e ver seu rosto barbudo.

— Marie disse que tem alguma coisa no poço — respondeu Trevor envergonhado.

— Inventando coisas de novo, Marie? — Repreendeu Muntu baixando os troncos com um olhar severo.

— Não, não, tio. Tem algo no poço, olha — Marie apontou.

Relutante Muntu olhou para o fundo do poço. Primeiro viu a água lá em baixo se movendo comumente, chacoalhando devagar contra as paredes sujas e podre. Entrementes, no fundo da água escura um brilho verde foi ganhando forma e volume. Muntu ficou estarecido e um arrepio eléctrico percorreu seu corpo da cabeça aos pés.

— Que coisa é essa? — Ele sussurrou, se afastando.

Nesse momento se ouviu uma explosão alta e estridente que fez os cavalos relincharem alto assustados, a seguir um silêncio tomou conta, apenas o farfalhar de pássaros fugindo se ouviu. Olhando para o topo da vila, as pessoas que começaram a sair de suas cabanas viram uma casa pegando fogo e um brilho verde reflectindo de dentro da fumaça espessa.

Aquela luz...

Pensou Muntu reconhecendo-a logo. De dentro daquele fogo saiu um velho com longas rastas brancas cambaleando, o medo estampado no rosto. Suas roupas queimavam e sua pele parecia carne assada. Ele parou perto do alpendre e abriu as mãos no ar. Marie e o pequeno Trevor o reconheceram logo.

— Vovó! — Trevor gritou tenso.

Vendo os netos e o sobrinho Muntu lá em baixo, o coração do velho gelou e ele começou a falar, contemplado pelos olhares assustado de todos da vila que o apontavam sussurrando.

— Eu não posso deixar que eles façam isso com vocês, não posso sucumbir-me ao mal. Eu sinto muito a todos vocês, eu vou reparar isso — disse mirando de coração partido e lágrimas no rosto para os seus netos, e concluiu. — Eu prometo, Trevor e Marie.

Com uma mudança dos ventos, seus olhos ficaram brancos como as nuvens e ele ficou em transe, suas mãos começaram a tremer descontroladas.

— Tio? — Chamou Trevor procurando socorro olhando para Muntu.

O tio olhava para o nada igualmente, estatelado e erecto, seus olhos estavam brancos como os do avô e ele não tinha expressão. Logo depois Trevor se apercebeu olhando ao redor que todos estavam assim. Todos da vila estavam em transe, com os olhos brancos e perdidos, estavam hipnotizados. Menos ele e Marie, que estava tão assustada quanto ele. Outra coisa se movimentou no canto de seu olho e olhando para cima de novo, Trevor viu quando outra pessoa saiu de dentro do fogo todo queimado e agarrou o velho pelas costas, exibindo um sorriso dourado sacou uma adaga afiada e começou a desferir vários golpes simultâneos e agressivos em seu estômago e da boca do velho saiu um grito de dor. O olhar branco vacilou e o velho perdeu o controlo do que tentava fazer.

E então uma aura de poder verde resplandeceu das suas mãos e sobreveio a todos como uma bomba atômica, partindo árvores e rachando a terra como um tufão, arrancado moinhos e jogando todos e tudo para trás.

Trevor e Marie foram jogados e caíram dentro do poço. Trevor caiu direito na água. Marie não teve a mesma sorte. Antes de cair na água bateu com a cabeça no balde e rasgou a testa.

Parecia ter passado uma eternidade quando o pequeno Trevor acordou assustado, seu coração martelando, o clima estava sujo, desolador e um cheiro de fumaça pairava no ar. A água no poço não era muita para um adulto, tinha um cheiro forte de ratos mortos. Trevor não conseguia achar o fundo com seus pequenos pés enquanto a água preta balançava no seu rosto

perto do nariz o fazendo se afogar a cada movimento, ele se contorcia com pavor para não afundar, mas o esforço era inútil, bebia água a cada braçada. Marie estava bem ao seu lado desmaiada e boiando. Ele olhou para ela e para os seus cabelos cacheado encharcados de sangue, seu rosto delicado quase sem vida. Seus olhos começaram a arder e então ele chorou, não como homens que têm noção da morte choram mas como meninos que conheciam a sensação pela primeira vez.

Trevor tentou pegar no balde desesperado mas falhava a cada tentativa, seus braços apenas chacoalhavam a água, seus dedos apenas o roçavam, uma, duas, três e nada. Aquilo começou a deixá-lo cansado até que não resistiu e começou a se afundar. Em quanto Trevor sucumbia ao fundo, na água vibrante viu a luz fusca no alto do poço, a adrenalina tomava conta e espasmos musculares faziam seu pequeno corpo tremer e ele começava a se afogar, o mundo ficava escuro e ele pensava em seu avô e se despedia do corpo de Marie, de todas as coisas boas da infância, dos sorrisos, corridas quando uma sombra surgiu lá em cima e Trevor pareceu ouvir alguém chamá-lo. Trevor escutou palavras estranhas lá em cima, um brilho dourado, viu uma adaga prateada, uma mão fechando o punho. E em seus últimos vislumbres, viu gotas de sangue caírem sobre a superfície da água e antes que fechasse os olhos viu a aquela luz, a luz de que Marie falava, a luz verde, e então ele desmaiou.

Quando o menino Trevor acordou, estava forrado em mantas confortáveis, tinha folhas verdes na cabeça e uma tigela com água quente aromática pendia ao lado da cama exalando um cheiro agradável de menta no quarto. Velas estavam espalhadas no chão e a luz amarela resplandecia nas paredes manchadas de sangue avermelhado. Uma mulher estava sentada no chão. Deitado, Trevor apenas conseguia ver suas costas, que eram marcadas com cicatrizes profundas que formavam um triângulo e sua cabeça era raspada.

— Ma... Marie — tossiu Trevor, tentando levantar.

Não sabia onde estava e cabeça lhe doía um pouco.

— Calma, meu pequeno. — Ela respondeu, sua voz era doce, delicada e acolhedora como uma música celestial.

A mulher se levantou com uma vela acesa iluminando seu rosto. Seus olhos eram castanhos e profundos, como se já tivessem visto muita coisa.

— Eu vou contar uma história, Trevor. Vou contar uma história para sempre — sorriu.

— Eu... quero... ver a Marie — sussurrou olhando para mulher, seus olhos tristes e medrosos se mesclavam num olhar temeroso.

A mulher caminhou sobre o quarto e pousou uma vela em cima de uma mesa, um pano castanho estava estendido e por cima tinha um banquete. Um pato assado saído do forno estava numa bandeja de frutas, puré de batata temperada, ovos fervidos, pães quentes e um jarro de hidromel. O cheiro fez o estômago do Trevor roncar.

— Vem comer. — Ela o chamou se sentando sem olhar pra trás. — Deves estar com fome.

Trevor se levantou cauteloso, seus pés pequenos tocaram o chão, nunca sentira um piso como aquele. Ele se encaminhou para mesa e deslizou sobre uma cadeira.

E pela primeira vez ele olhou bem para o rosto da mulher, mesmo olhando para ela, Trevor ainda se perguntava se conseguia vê-la realmente, era estranho. A mulher afundou as mãos no pato assado e pegou um enorme pedaço e começou a comer.

— Mmm, coma, vai — incentivou-o com a boca cheia.

Trevor pegou um ovo devagar e começou a comer. Logo eles tinham acabado metade da mesa, e Trevor se empanturrava com o puré.

— Onde está a Marie? — Perguntou com os olhos tristes um pouco depois de a mesa estar limpa, embora não lembra de ter visto alguém tirar as coisas.

— Isso não importa agora, pequeno Trevor — falou a mulher se achegando. — Agora você é a luz que limpará esse mundo de todo caos, você é o escolhido.

— E meu avô? Trevor perguntou chorando. Um semblante estranho trespassou no rosto da mulher e então ela se levantou.

— Teu avô não era digno, mas você é, ele quase estragou tudo. Como ousa contrariar Sofrosine. — Ela parecia visivelmente irritada, e se agachou abruptamente. — Mas você não, você não vai me decepcionar.

Com os olhos cheios de lágrima e vermelhos de raiva Trevor levantou o olhar.

— Eu não quero nada disso, eu só quero saber aonde Marie está.

— Você não tem escolha querido. — Ela passou seus dedos delicados nas bochechas de Trevor limpando suas lágrimas. — Eu não vou cometer os mesmos erros com você, não mesmo.

Sofrosine segurou a cabeça de Trevor, e os olhos do menino ficaram verdes, e ele ficou em transe.

— Homens maldosos mataram seus pais. — Ela disse.

— Homens maldosos mataram meus pais. — Trevor repetiu.

As velas faziam suas sombras dançarem nas paredes ensanguentadas.

— Seres das Sombras atacam as pessoas. — Sofrosine continuou a dizer um monte de coisas e Trevor apenas as repetia.

— E por fim, a última carta na manga. Um pouquinho do elixir dos Deuses. — Ela pegou um pote e cuspiu dentro e entornou na boca de Trevor, e agachou bem perto de sua orelha.

— Limpa o mundo do caos, filho. Destrói os infiéis, essa é tua missão, eu tenho outras coisas pra organizar.

E falando essas palavras Trevor caiu duro num sono profundo. Enquanto Sofrosine ria e continuou rindo e rindo cada vez mais alto, e seus dentes ficaram dourados e tudo ficou escuro.

Nos dias de hoje

Chovia.

Um vasto pedaço de terra como um campo de futebol se perdia no meio de uma floresta densa e farfalhante, nunca descoberta ou encontrada. Corvos com olhos vermelhos e bandos de pássaros mergulhavam entre as árvores grossas de carvalho, coisas estranhas andavam por aí, olhos borbulhantes observavam quem caminhava nos arredores, esperando o momento certo para devorar. No meio desse caos, numa casa velha onde dois candeeiro balançavam ao vento no breu, um velho estava apoiado numa bengala no assoalho, o rosto murcho e fechado. Era Muntu, o ancião.

Os ventos haviam mudado e alguma coisa se passava, Muntu olhou pesaroso para as nuvens carregadas, um longo cobertor cinzento cobria o céu ruidoso com relâmpagos e trovoadas. Havia passado o dia pensando, nunca ficará tão cansado pensando sobre alguma coisa. As gotas ricocheteavam nas telhas que o protegiam. A casa ficava no meio do terreno e as janelas reluziam amarelas na noite densa pela fogueira no interior e soltava fumaça no alto pela chaminé. De dentro da casa uma mulher saiu empurrando a maçaneta, deixando sair um aroma quente e sentiu o vento fresco no rosto. Seu cabelo era enrolado e imitavam duas bolas de massa

enroladas em um garfo, e tinha uma cicatriz na testa que se perdia nos cachos macios. Protegeu o cigarro com as mãos e sua saia rubra balançou na brisa, revelando suas pernas delicadas.

— Como você acha que está? — Ela perguntou, seria.

— Já se passou muito tempo desde a última vez que o vi — respondeu Muntu. — Quero acreditar que a maldição tenha perdido efeito.

— Você quer salvá-lo? — Ela sacudiu a cinza do cigarro.

Olhava a chuva molhar a grama.

Muntu não respondeu, pegou uma caneca de café quente que está aí perto e bebeu.

— Se ele tentar pegar você, eu não vou hesitar, tio.

— Faz o que você achar melhor, eu estou velho Mawú, por isso a treinei. Agora você controla a luz do teu avô.

Por momentos eles ficaram em silêncio, até que Munbu falou:

— Ciane? — Ele perguntou, calmo.

— Ela vai ficar bem, está tomando uma sopa na cozinha. Vamos deixar ela fora disso tudo, ela ainda sofre.

E olhando pra o céu, ela o sentiu mudar.

— Eles chegaram, Muntu — anunciou a Mawú com a voz suave, dando um longo trago.

— Percebi Ma...Mawú — respondeu um pouco rouco.

Durante sua vida nunca se lembrara de uma única vez que tremera de medo antecedendo um problema, seus inimigos faziam isso por ele. Mas naquele momento aquilo era inevitável, seus dedos tremiam pendidos no braço do banco. Mawú reparou e aquilo acabou com seu coração.

— Tá tudo bem... Vovó — acalmou-o rindo ligeiramente e colocou a mão em seu ombro.

Eram poucas as vezes que Mawú chamava Muntu assim, aquela era a segunda. Aquilo aqueceu o coração de Muntu que sentia frio no momento, queria sorrir mas o que saiu foi um resmungo inaudível. Deu outro golo na caneca quente de café e se levantou com dificuldade sentido a língua queimada. Saiu da proteção da casa cambaleando e sentiu a chuva molhar-lhe rosto e Mawú o seguiu.

Como vindos do nada, sua visão foi preenchida por milhares de sombras, gigantes, homens e mulheres que pareciam vir de um época distante surgiram saindo da borda da floresta, como formigas saindo de seus buracos. Seus rostos eram fechados por barbas negras e carregavam escudos redondos nas costas e os gigantes tinham tranças grossas, e portavam machados afiados que brilhavam de tão polidos.

Muntu continuou caminhando e passou por alguns deles que o olhavam com consternação e tamanha reverência. Baixavam os machados e os escudos em sinal de respeito e Muntu continuou caminhando devagar com a bengala e a sua atrás fumando estava Mawú.

Quando Muntu parou, ele estava rodeado de bárbaros, os corvos observavam de dentro da floresta e todos prenderam a respiração, Mawú se prostrou ao seu lado. E então ele falou:

— Hoje não é um dia fácil, nem para mim e nem para vocês. Todos aqui soubemos que essa batalha não começou hoje, nem conosco. — Muntu apoiou os dois braços na bengala em frente do corpo e olhou pra um dos guerreiros.

Seu rosto estava resoluto, existia um resto de suicídio no seu semblante, seu olhar era afiado como uma faca.

— Fahudje — apontou o dedo comprido, como um ramo seco, para um homem, que respondeu levantando a cabeça. — Seu pai teria orgulho se tivesse aqui, olha para você cheio de coragem e bravura.

— Grisna — apontou para outra guerreira. — Nem eu pensei que chegarias tão longe, tua força inspirará gerações.

Grisna apertou o maxilar, emocionada.

— Todos vocês aqui não representam apenas vocês mesmo, existe toda uma geração, todo um povo na vossa linhagem genealógica, não os decepcionem filhos, não o façam, não importa os nomes que eles nos chamem, seres das sombras, homens das sombras, trevosos, não importa, porque vocês podem até vir das trevas, mas vossos corações portam luz, vossas espadas e vossos machados portam a luz.

Muntu cerrou os olhos e bateu a bengala na terra firme.

— Por isso orgulhem-nos, **ORGULHEM A TODOS NÓS** — gritou.

E seu grito foi respondido com um rugido geral e um chacoalhar de espadas e relinchar de machados e escudos.

— E agora é a sua vez. — Ele murmurou se afastando. — Marie.

Nesse momento uma aura de medo pairou sobre o grupo, as árvores pareceram se encolher, alguns chegaram a se afastar e o circo aumentou, os gigantes rugiram também se afastando pesadamente fazendo o chão tremer e o circo foi aumentando até que os corvos fizeram um estrçalhado e saíram do meio da floresta em bando com os olhos vermelhos de sangue e cobriram o vale, números e ruidosos, grasnando alto.

Todos fecharam os ouvidos, não suportando o som.

Mawú pegou no resto de cigarro e deitou-o fora. Sentou-se com cautela na terra molhada e afundou suas mãos na lama, ao olhar tenso de todos, seus olhos brilharam no breu como prata e de sua boca saíam palavras estranhas.

E então os pássaros subiram aos céus atrapalhados formando um vórtice negro.

— *Ras bim dago, tema lugi intum vagu* — dizia Mawú.

Tatuagens quentes começaram a surgir em seus braços e pernas como queimaduras recentes e ganharam tons avermelhados, e então seus olhos ficaram pretos e coisas se moviam dentro deles, como pequenas enguias se banhando em petróleo, e suas mãos tremeram. E todos ficaram parados erectos, olhando pra o nada, até os gigantes tinham os olhos brancos, Mawú olhou pra o céu entre gotas de chuva correndo em seu rosto, viu o bando de pássaros no céu nublado, a luz dos trovões.

E todos imitaram seu movimento olhando sincronizados pra os pássaros. Uma faísca saiu dos braços da Mawú e uma onda esverdeada encheu o vale, seus braços aumentaram a tremedeira e ela canalizou a energia verde lançou em direcção aos corvos, quando os atingiu, as aves despertaram e começaram a mergulhar, Mawú abriu os braços e todos se elevaram no ar, seus pés deixaram a grama devagar. E num movimento brusco e violento todos foram sugados pro centro na direcção da Mawú. Pássaros negros, homens e gigantes se mesclaram e desapareceram num estalo com se nunca tivessem aí. Deixando apenas os dois candeeiro balançando ao vento.

Uma batalha se aproximava.

CAPÍTULO XI - O PRINCÍPIO DO FIM

Namathan Island

Em um dia ensolarado, ouviam-se os cantos de pássaros em qualquer canto daquele apartamento.

— Bom dia, seu dorminhoco.

Erk teve a sorte de ser acordado com um sussurro de uma deusa real. Abria os olhos vagarosamente, e ficava cada vez mais nítida a imagem de uma verdadeira obra de arte. Os olhos castanhos-mel, que brilhavam ao olhar os seus olhos, foram a primeira imagem que Erk vira ao despertar. Então, olhou para o sorriso que se formava naquela boca tão perfeita, que daria para escrever um livro, só elogiando os lábios daquela escultura humana.

— Quem és tu? O que estou fazendo aqui? — Perguntou Erk, enquanto levantava daquela cama, com uma estranha muito bonita olhando-o.

— Eu sou Keetrin Fohler. Sei que é tudo muito estranho, mas eu posso explicar — respondeu a moça.

— Eu lembro ter dito que não estava interessado em ti, como vim parar aqui? — Perguntou ainda mais confuso e um pouco chateado.

— Sou de uma Organização secreta. Temos uma importante batalha e precisamos de você, então tive que drogá-lo e trazê-lo até aqui — respondeu.

— Fala sério! Drogaram-me? — Falou indignado. — Qual seria essa Organização? — Continuou, curioso.

— Descendentes da Noite — respondeu com os olhos fixos nos olhos dele.

— Sei quem são vocês. Eu nunca trabalharia para vocês — disse enquanto levantava-se de forma apressada.

— Tu só achas que sabes. Eu devo contar-te sobre o teu pai?

— Há muitos anos, isso antes de você nascer, existiu um fenómeno que originou super-humanos. Os mesmos decidiram juntar-se e criar uma Organização que traria paz ao mundo. Depois de um raro evento, uma aurora explodiu soltando uns raios que parece ter escolhido os corajosos e justos. Denominavam-se *Sombras*, porque agiam feito umas. E tudo corria bem até que um deles estranhamente os traiu. Há quem diga que fora possuído ou hipnotizado. Acredita-se que como forma de recolher recursos, ele vendia informações de Estado, provocando guerras e terrorismo, tudo em seu benefício. Depois de descoberto e expulso, ele decidiu, então, criar a sua própria Organização, que tem causado muito Caos. Os seus membros têm treinos militares e Ninjas, em simultâneo, tem incluído alguns meta-humanos e gigantes. Aniquilaram muito dos membros de Sombra passado, deixando só os que possuíam fortes poderes, que investigaram até conseguir replicar soldados parecidos. Entre eles está o teu pai. Você e os outros são basicamente a descendência que terá que contornar essa situação.

— Não pode ser verdade! Eu tenho um pai? — Replicou enquanto caíam as mais raras gotas de lágrimas em seu rosto. — Eu cresci em orfanatos. Todos diziam que não sabiam de onde vim. Uns dizem que sou filho abandonado do Diabo, que nem ele me queria, tudo porque possuo algumas habilidades. Fui em Lares, fui obrigado a fugir várias vezes, até tornar-me nesse lixo de pessoa, que mata porque acha que X não merece viver. Mas, principalmente porque será recompensado — continuou.

— Não temos muito tempo. Eles estão aqui e tenho de levar-te até à base. Tiro todas as tuas dúvidas no caminho. — Keetrin respondia apressadamente, enquanto parecia que preparava-se para uma guerra.

Recarregou as suas armas, olhou novamente pela janela e sabia que teria um dia cheio.

— Viste um...

— Armas? — Keetrin o interrompeu. — Estão no mesmo sítio.

Erk pegou a sua enorme camisa azul-negra de mangas-compridas, que ajudava camuflar as suas armas, acrescentou o que seria o seu manto verde-camuflado por cima, uma calça olímpica cinza com uma altura que nem chegava aos calcanhares, e uma *Sneaker* desportiva preta.

Saíram do quarto, Keetrin conseguiu rapidamente detectar dois Ninjas no corredor, próximo a porta. Havia portas seguidas, e eles revistavam cada uma delas, tinha igualmente elevador e escadas, tudo indicava que era um hotel. Era um hotel de fachada. Na verdade, era um dos esconderijos dos Guardiões dos Descendentes da Noite. Keetrin empurrou Erk para dentro.

— Eles estão aqui — sussurrou Keetrin. — Devem ter dado informação sobre esse encontro. Tem um traidor dentro da base.

Erk, muito impulsivo e de forma natural, abriu a porta, puxou a mão de um dos Ninjas, empurrou fortemente a parte inferior de sua palma no peito do Ninja, quebrando o tórax do mesmo, que acabou estendido, sem qualquer acção. Em seguida, encostou agressivamente a Keetrin para junto de uma parede, com intuito de a salvar, quando entrava o Segundo Ninja que pareceu muito habilidoso. Erk tentou surpreendê-lo com um outro golpe, quando o Ninja esquivou-se flexivelmente deixando um corte de forma experiente ao Erk.

Keetrin disparou contra o Ninja, que incrivelmente esquivou-se da bala, chegou perto dela e rapidamente desarmou-a, seguido de um golpe contra a sua orelha com a parte externa de sua mão. O golpe pareceu de quem sabia dos danos, pois, por alguns segundos ela sentiu-se desnorтеada, o que deu tempo para o Ninja ir rapidamente pegar Erk, que estava estendido e parecia ferido. O Ninja foi incrivelmente surpreendido com uma sequência de soco da cabeça e corte no pescoço. Erk pegou a Keetrin, que recuperava os seus sentidos lentamente e a levantou.

— Precisamos ir — disse.

— Não podemos descer. Temos que ir pelo telhado e torcer que tenham recebido o sinal. E precisamos tratar desse corte — olhando-o.

— Preocupa-te com o *sairmos* daqui — replicou Erk. — Esse corte tratará de si — disse contando com o seu poder de regeneração, que só acontece quando há contacto directo com o Sol.

Eles subiam rapidamente as escadas. Sabiam que seria péssima ideia subir de elevador. Chegando até ao topo, viram uma corda. Erk olhou para cima e não conseguia ver nada.

— É um sistema de camuflagem. Pode confiar, é seguro — prometeu Keetrin.

Orfanato Don Saller

Em um orfanato da Ilha, vivia um jovem com 189 cm de altura, dono de um charme e carisma irresistível e de uns olhos escuros que faziam contraste com seu cabelo branco.

Com um olhar vazio, um rosto que transmitia informação confusa. Parecia sempre que estava feliz, chateado, alegre e triste ao mesmo tempo. Era paradoxal e desafiante tentar decifrá-lo. Odiava as mulheres, em contrapartida, era conquistador, era contra o tabagismo, no entanto,

fumava, também para irritar a Directora do orfanato. Chegou no orfanato com dois anos, com um símbolo abaixo do olho direito, que parecia ser uma tatuagem de três letras minúsculas “erk” dentro de uma caixa minúscula. Então, foi assim que foi chamado. Não tinha um sobrenome, ninguém sabia de onde vinha.

Dominava algumas habilidades como persuasão mística, conseguia levitar objectos só com o querer, conseguia antever uma acção, desde que não o incluía directamente, dominava vários tipos de armas, aprendia só vendo, tem sete artes marciais e nunca frequentou uma academia e principalmente, conseguia obter memórias que nunca viveu, porque não eram dele, tanto que nunca soube controlar. À pala dessa informação toda, sofreu muito desprezo da parte de seus colegas e da sociedade em geral. Nunca foi adoptado, no entanto, a Directora amava-o como seu próprio filho e tinha também uma colega, Thrill Offen que dava-se bem com ele.

Fugiu do orfanato diversas vezes, mas, no final, voltava. Tinha alguma coisa na Directora que o chamava de volta. Era um Mercenário às escondidas, seu pseudónimo era *Off* e nunca ninguém soube que era ele.

Certa noite, em um bar, estava apreciando um cocktail, quando deparou-se com uma linda e sexy mulher.

— Oi. Posso pagar-te mais um copo? — Perguntou a moça, com um tom sexy.

Erk não estava interessado. Simplesmente levantou-se, e foi embora.

Presente

Conseguiram despistar os Ninjas e iam voando invisivelmente.

— Para onde é que vamos agora? — Perguntou Erk, curioso

— Há uma pessoa esperando por você, em *Anchor*.

— *Anchor*? — Confuso. — Soube que foi devastada pelo terramoto.

— Pois. É uma longa história — respondeu sem olhar para ele.

Prosseguiram a viagem por mais algum tempo, até chegar à *Anchor*. Quando chegaram, não havia nada lá.

— Isso é sério? Viemos atrás de vento?

Ouviu um som estranho vindo de trás dele, quando virou, havia um velho saindo de um portal.

— Pára com isso, Julius — disse Keetrin. — Podes mostrar a sua face. Temos pouco tempo e precisas levá-lo até eles — continuou.

— Não aqui — retorquiu o velho.

— A minha missão está completa — disse Keetrin. — Ouve, puedes mais do que pensas. Eles precisam de ti e o mundo também — acrescentou, olhando firmemente nos olhos do Erk.

Keetrin retirou-se. O velho aproximou-se e levou-o magicamente consigo.

— Eu sou o Julius, o Decoder. Preciso levar-te até aos Descendentes da Noite. Tens de lutar com eles.

— Mas eu não sou um deles. Eu não estou entendendo nada — disse aparentemente perplexo.

— Não precisas entender. Só precisas acreditar no que sentires. Ouve as vozes, pára de ignorar.

— Como sabes das vozes? — Perguntou assustado.

— Eu só sei. Sempre sei. A esse momento eles devem estar a chegar. Usarei muita energia para teletransportar-te até eles. Quando chegares lá, diz *Monalisa* e eles saberão do que se trata. Eu vou ter com vocês, tão logo recarregue as minhas energias.

Estamos aqui faz um tempo e só a areia parece inimiga. Temos a certeza de que podemos confiar no tal Decoder? — Reclamou Jay Otchally.

— Claro. — Ster respondeu indignada. — Por que motivos ele nos mandaria no meio do nada? — Continuou.

— Poderia ser um Ser das Sombras. Manda-nos aqui, avisa-os e eles apanham-nos desprevenidos. — Jay voltou a atacar.

— Já chega! — Ordenou Cooper.

— Precisas parar de agir como se fosses nosso pai — reclamou Aileen. — E vocês parem de agir como se fossem os filhos — acrescentou, olhando com atitude para Jay e Ster.

— O que ele disse que tínhamos que fazer quando chegássemos aqui? — Perguntou Kira, quando viram o que parecia ser o Portal do Decoder.

Aileen puxou rapidamente suas armas e apontou para a pessoa que saía dele. O resto parecia igualmente preparado para o início de uma batalha.

— Melhor estar parado, ou reben... — Dizia Aileen.

— Monalisa!

Aileen foi interrompida por uma voz calmamente agressiva.

— Que merda é essa? — Respondeu Ster, que rapidamente foi ao lado da Aileen, apontando igualmente uma arma na mesma direcção.

— Dane-se isso! — Erk falou para ele mesmo. — O Decoder disse que se eu dissesse isso, vocês...

— De onde você conhece esse nome? — Ster o interrompeu.

— Mas, vocês são os tais Descendentes da Noite ou terei que matar-vos a todos? — Perguntou-os confiante.

Foram obrigados a virar para o local onde vinha o som do que parecia uma trovoadas, seguido de aparição de uns Seres com semblante agressivo. Havia gigantes, entre os Seres, e um monte de criaturas aparentemente prontos para ceifar vidas.

— Definitivamente esses não são os Descendentes da Noite. — Erk disse para si mesmo.

— Rendam-se meninos — disse um dos Mestres dos Seres das Sombras. — Essa é a única vez que dou-vos uma oportunidade — concluiu.

— Só para constar, eu não sou do vosso *team*. — Erk disse para os Descendentes da Noite. — Seja quem for o vosso líder, não é o meu. Vamos matá-los a todos, resgatarei o meu pai e voltamos todos felizes para casa. De acordo?

— Não é hora para conversa — respondeu Cooper. — Vamos ensiná-los o que é a dor.

— A Yamashita faz falta nesses momentos — disse Kira, olhando fortemente para Kaiba.

Um Ninja movimentava-se silenciosamente para executar um ataque-surpresa quando foi surpreendido por um disparo vindo de uma das armas do Erk.

— O que és tu? — Voltou a perguntar Ster.

— Ah, e se tiver um Kira, tenho uma adaga vindo do Decoder. Ele pediu que dissesse que *a força da Yamashita está em ti, e não na arma*.

Os Seres das Sombras estavam muito próximos. Tinham a estratégia de cercá-los e atacar de todos os flancos. O que não sabiam era que os *meninos* já contavam com isso. Edy rapidamente atirou o seu cigarro, que na verdade era uma bomba de fumo. Ouvia-se disparos e

cortes de pele. Enquanto a nebulosidade desaparecia, via-se muito dos Seres das Sombras que viraram cadáveres. As areias do deserto transformavam rapidamente líquidos vermelhos em areia. Decoder era igualmente um estratega e elaborou alguns planos para o combate. Erk adaptava-se nos planos, pois, Decoder falara sobre formas de combate dos Seres, sabendo que ele adaptar-se-ia rapidamente aos ataques combinados que ele sugeriu aos Descendentes da Noite, sendo a rápida interpretação e memorização, uma de suas habilidades. E Decoder bem o sabia.

Os Seres das Sombras subestimaram os *meninos*, o Mestre Ragni, apercebeu-se, custando a vida de alguns dos seus guerreiros. Mas, os Descendentes estavam muito longe da vitória. Existia todo um exército de vários tipos de Seres sem remorsos, sem almas, sem escrúpulos. Sem contar com a impiedosa Marie, que esperava, determinada a matar Cooper, à pala da distorção de história que contaram para ela.

Sentiram uma flecha passando a centímetros da perna de Kira, que ia ao encontro do Erk, pegando a adaga.

— Jay, enfurecido com aquilo, correu desesperado atrás do Ser que recarregava o arco e foi surpreendendo com um soco, que mesmo tentando esquivar, atingiu-o fortemente no peito, lançando-o uns metros distante.

De onde surgiu esse indivíduo?

Pensou, enquanto segurava seu peito.

— Parem de agir por emoção — sugeriu Cooper, chateado com a situação. — Lembrem-se que isso não é um treino. Qualquer erro pode custar a nossa vida. Mantenham a calma e lembrem-se do objectivo — salientou.

Os Descendentes sabiam que era inútil enfrentar aquele grupo. O objectivo era chegar aos superiores que os levariam para os próximos, até chegar ao líder. Contavam com a habilidade de Ster, precisavam a escoltar para ter algum tipo de contacto com o Mestre e obter qualquer que fosse a informação. Three-M precisava estar atento, pois ainda tinham que descobrir o ponto exacto da camuflagem do Castelo que esses Seres protegiam.

— Estou bem — disse ao Kira. — Foi só um arranhão.

Os gigantes chegavam perto e pareciam determinados a esmagar qualquer que fosse o oponente. Um dos gigantes bateu fortemente contra Kaiba, que desviou-se, e sentiram o movimento da Terra depois que o golpe com as mãos juntas saindo de trás das costas embateu contra o chão.

Eles são fortes, mas, lentos.

Pensou Kaiba, que reagiu ao ataque habilidosamente com a sua Mokuba, deixando um corte na parte traseira do joelho de um dos gigantes, o que o deixou enraivecido, contudo, fraco. Era uma boa estratégia mexer nas artérias importantes dos adversários mais fortes. Outro gigante estremecia o local com a sua corrida pesada, no entanto, firme, em direcção à Kira, que parecia fraco. Antes mesmo de chegar perto, Kira respondeu lançando a sua nova arma, uma adaga com punho dourado e o gume prateado, que acendia conforme o movimento. A adaga atingiu o peito do gigante, que tirou-o rapidamente, parecendo que não surtiu efeito, devolvendo agressivamente ao dono que vinha a correr. Esquivar o lançamento da adaga atrasou Kira, que foi atingido por um golpe de calcanhar vindo do que parecia ser um Ninja, bem no lado direito da cabeça, que o

deixou desequilibrado, e ainda assim conseguiu agarrar fortemente no *Kimone* do mesmo, puxando-o fortemente contra o chão e batendo com a cabeça. Puxou em seguida uma outra faca que tinha na perna, subiu nas costas do indivíduo e rasgou-o costa abaixo.

Em seguida estendeu-se ao lado de tão cansado e magoado que estava, deixando espaço para o ataque do gigante. Ster, muito atenta, disparou em contra o gigante como método de distração, seguido com dois disparos directos na testa do gigante enquanto corria em direcção do mesmo, que deslizou, apanhando areia e atirou para o ar, seguido por outro tiro, dessa vez no seu órgão genital, e terminou trepando o gigante, e disparando bem no centro de sua cabeça. Kaiba foi correndo em direcção à Kira, deixando mortes no seu trajecto, com o objectivo de o curar.

Chegando lá, meteu-se de joelhos rapidamente, segurando as partes cortadas do Kira. Foi interrompido por um chute de um dos gigantes que o lançou para longe e o deixou ferido. Kira, mesmo ferido, levantou-se, mordendo os dentes e foi desferindo vários golpes nas pernas do gigante, até esse ajoelhar de tanta dor, e fora rasgado com um golpe deslizante da Ster, na região da costela.

Do outro lado, Trevor e Jay, mesmo cansados, pareciam que liam os pensamentos um do outro. Uma óptima parceria que ajudava na morte dos oponentes, deixando os outros mais sedentos após cada morte.

— AA3! — Gritou Cooper.

Era um código que significava que o líder estava próximo, à direita de Ster. Isso significava que Ster tinha que deixar Kira e ir até do que seria então o “cabeça” dessa operação. Edy, Aileen e Kaiba ouviram o sinal e sabiam que tinham que ajudar Ster a chegar lá. Foram correndo até Ster, para criar uma distração. Edy voltou a usar uma de suas bombas de fumo e o Mestre suspeitou que queriam chegar até ele.

Venham! Estou ansioso para matar cada um de vocês.

Pensou o Mestre.

De repente, sentiu a presença de um dos Descendentes, que era o Edy, soltou um sorriso maroto e ameaçador, deslocando-se rapidamente e quase sem movimento para outro local, onde sentiu a presença de outro da Aileen que deu rapidamente disparou. Desviando-se da bala, com um movimento incrivelmente rápido, sentiu uma mão agarrando o seu braço.

O que é isso?

Pensou surpresa e parou de repente, pois, uma das habilidades que Ster desenvolveu era o controlo total do corpo de quem toca.

Que alma forte.

Pensou Ster, enquanto buscava informações na mente do Mestre. Segundos depois de muito esforço do Mestre, Ster foi lançada com uma força absurda com apenas um braço do Mestre que mostrou-se muito forte. Atacou directamente Kaiba que, como defesa-ataque, deixou a espada velozmente no mesmo sítio onde estava o seu braço. Era uma das técnicas secretas dele que além do uso de várias armas, tinha técnicas *arma-a-corpo*, parecida ao *corpo-a-corpo*, com a excepção de que ao invés de seu corpo, usava uma arma.

Eu os subestimei.

O Mestre pensou olhando para o corte em sua mão.

Há uns metros daí, estava Erk, que facilmente matava os seus oponentes. Com o uso da habilidade de controlo de materiais, usava as espadas dos Ninjas contra eles mesmos. Foi surpreendido por um Ninja cuja arma era o próprio corpo. Sentia golpes em seu corpo, mas não conseguia acompanhar o Ninja. Era tão veloz que o som do vento vinha a seguir do seu movimento.

Quanto mais enfurecido ficava, mais apanhava. Foi depois de um golpe muito forte que acertou a sua cara, tirando a sua máscara, que sentiu a necessidade de usar o *Modo Off*, um estado em que ele já não tem o controlo dele, e tem vozes dizendo o que deve fazer. A força, habilidade e poder desse modo baseiam-se no nível de ameaça. Se usado durante muito tempo, ele pode não conseguir desactiva-lo. Os primeiros instantes serviram para adaptar-se ao combate. Depois de já entender o padrão de luta do oponente, Erk antevia os movimentos.

Trevor, que só lutava como parte da distração, ao lado de Jay, estava esperando pela mensagem de Ster, que estava ocupada tentando escapar do Mestre.

Depois de derrotar o Ninja, a voz insistia que Erk fosse enfrentar o Mestre. Parecia armadilha, sendo que poderia ser um combate demorado e podia ser dominado pelo Modo Off. Mesmo parecendo perigoso, Erk foi para lá com a mesma velocidade que o Ninja. O Mestre sentiu-se ameaçado com o número de oponentes e chamou mais Ninjas com o mesmo nível de habilidade que Erk enfrentou.

Aileen conseguiu notar de onde saiam os oponentes e deduziu que tinha uma fonte que poderia levá-los até ao Castelo. Olhou para Ster, que concordando, moveu a cabeça explicando que sabia como entrar lá. Precisavam avisar a todos que sabem onde está o Castelo. Kira, mesmo parecendo exaustão, enfrentava Ninjas incrivelmente habilidosos e conseguia ferir um ou outro. Estava um ambiente tens, Erk teve que desactivar o Modo Off e enfrentá-los assim.

— 3CB. — Aileen gritou com o objectivo de alertar que já não precisavam lutar porque já sabiam como chegar até o líder.

Jay olhou para ela e concordou com a cabeça.

— Tapa os ouvidos e proteja-se. — Kaiba sugeriu para Erk, que desconhecia as habilidades de seus parceiros de luta. Jay começou a gritar. Erk, sentindo a mudança no vento, entendeu. Baixou-se junto aos outros. Aileen soltou uma bolha que saiu de um dos seus *brinquedos* para protegê-los. Kaiba, aproveitando o momento em que estavam juntos, tentava curar Kira que estava respirando com dificuldade. Depois de um tempo gritando, quando abriu os olhos viu todo mundo jogado em diferentes sítios. Incluindo o Cooper, que parecia recuperar-se vagarosamente.

Foram rapidamente até o local apontado e entraram no Castelo. Ster sabia como funcionava as coisas, então, desactivou o portal. Ninguém poderia sair nem os de fora poderiam entrar.

Enfrentaram muitos dos seguranças até chegarem diante da Mawú, que os olhava despreocupada.

— Oi, Irmãozinho — disse olhando para o Trevor.

— Marie!?! — Trevor parecia incrédulo diante do que vira. — Eu pensei que tivesses...

— Morta? — Falou o interrompendo. — Você deixou-me para morrer. Você nos traiu. Você tem que morrer.

— Não é isso — tentando explicar quando viu uma luz vindo na direcção deles.

— Cuidado! — Avisou aos demais, que saltaram desesperadamente. — Deixe-os fora disso! Vamos acabar com isso só nós os dois — continuou.

— Trevor, Trevor, Trevor. — Ouvia uma voz saindo das sombras. — Esperamos muito por esse dia — continuava a voz, enquanto chegava à luz, usando uma bengala.

— Muntu!?

Muntu sentou-se numa cadeira e ordenou que Marie acabasse com Trevor. Marie começou a levitar, deixando o lugar cada vez mais assustador. Havia luzes verdes em seu olhar e um sorriso que parecia um Diabo satisfeito. Cooper não sabia o que fazer mas sabia que tinha que acabar com sua irmã e posteriormente com o tio. Era o sacrifício a ser feito pelo bem do mundo. Então, sem muito esforço, fechou os olhos e quando os abriu, estava igualmente verde.

Mawú, como um piscar de olhos atingiu-o fortemente na costela, com uma faca prateada e voltou ao local onde estava, sorrindo.

— Poderia matar-te agora mesmo mas isso não seria nada engraçado — disse, e com a mesma velocidade voltou a espetar faca. Dessa vez no abdómen. Trevor, sangrando, olhou para ela repleto de raiva e lançando um raio de cor verde que parecia fazer cócegas.

Aileen sugeriu que Ster arranjasse uma forma de ter contacto com o velho que estava sentado, como forma de encontrar o Héspero em forma de arma. Para isso teriam que arranjar uma distração. Aileen disparou directamente para o Muntu e a bala foi perdendo força até chegar nele. Em seguida ele revirou os seus olhos e hipnotizou-os, ordenando que lutassem entre eles. Enquanto isso, Trevor tentava, no mínimo ferir Mawú, que parecia estar em vários lugares ao mesmo tempo.

Erk, que não fora hipnotizado, por ser imune ao poderes telepáticos, ouvia as vozes sussurrando o nome de uma mulher repetidas vezes: Sofrosine.

No deserto, uma equipa da Polícia chegara atrasada, encontrando corpos estendidos, gigantes e outros tipos de Seres e ninguém para prender.

Podem safar-se dessa, mas eu vos pegarei.

Pensou Major olhando para o cenário.

— Ninguém sai daqui — ordenou. — Precisamos patrulhar melhor esse local. O Velho disse que estavam aqui e tudo indica que sim. Não devem ter ido muito distante — acrescentou.

Enquanto ouvia as vozes, Erk sentiu uma mão no seu ombro seguido de uma voz.

— Shh! Sou o Decoder — sussurrou a voz. — Sei que estás ouvindo as vozes. Pára de ignorá-las. Deixa eles guiarem-te e entenderás quando for o momento.

Erk fechou os olhos. Sabia que era perigoso, mas precisava confiar em alguém e principalmente em si mesmo.

Decoder, com a sua habilidade, chegou até Cooper, sem ser visto e sugeriu que parasse de se conter. Essa era uma batalha onde perder não poderia ser opção. Depois de ouvi-lo, Trevor parecia um reflector de poder. Mesmo ferido, fraco e triste por estar a lutar contra a sua irmã, sabia que não havia nada que podia fazer.

— Desculpa, Marie — disse triste.

Desapareceu de onde estava e apareceu rapidamente atrás do seu tio, que era a fonte de energia dos poderes de Marie. Marie tinha o dobro dos poderes, por estar usando a força de dois

corpos. Trevor enfiou dois dedos nos olhos do seu tio, enfurecendo ainda mais a sua irmã que respondeu atingindo-o com um raio que pelo poder ser tão forte, atingira igualmente o seu tio.

Sem forças, sem imortalidade, por emprestar seu poder à Marie, Muntu caiu e morreu logo a seguir. Isso não impediu que ele controlasse seus poderes com sua alma, afinal ela era muito poderoso e a hipnose continuava. Muntu era movido pelo ódio e precisava destruir os Descendentes da Noite, ainda que fosse a última coisa que tivesse que fazer. Marie não podia ser vencida por nenhum dos ataques do Trevor e vice-versa. A diferença era que Marie já nada tinha a perder e Trevor via os seus companheiros lutando entre si.

Enquanto isso, Erk seguia as vozes que o levaram para um lugar estranho. Era quente e frio, vazio e silencioso mas haviam vozes que incomodavam. Era onde Sofrosine estava. O objectivo dela era que essa luta acontecesse para poder usar a energia de Marie e Trevor. Ela fora amaldiçoada e precisava da imortalidade dessa linhagem para começar a sua jornada. Depois que eles estivessem exaustos de tanta energia que usariam, ela simplesmente tiraria deles os poderes e eles morreriam imediatamente.

— Erk. Filho do grande Hereeuz — disse Sofrosine.

— Quem és tu? Como é que sabes o meu nome?

— Sou a salvação desse mundo. Precisamos derrotar o mal.

A voz na cabeça do Erk dizia que tinha que matá-la, mas ele queria ouvir o que ela tinha a dizer.

— E como faremos isso? — Voltou a perguntar.

— Temos de matar a linhagem dos Cooper. É graças a eles que esse mundo tornou-se uma ameaça.

— Sabes onde posso encontrar o Héspero?

Sofrosine riu.

— O Héspero é o espírito do teu pai. Se o usares uma única vez, o matas.

Meu Pai?

Pensou incrédulo.

Mas as vozes na sua cabeça diziam para matá-la. Erk estava dividido entre acabar com aquilo ou confiar na Mulher e saber mais sobre o seu pai. Mas lembrou-se que precisava confiar no seu interior, então activou o Modo-Off. Dessa vez pela sua vontade de acabar com aquilo, já não era ele no controlo.

Sofrosine sabia que a única forma de vencer era chamá-lo a razão, então tocou nele e mostrou-lhe um futuro ilusório, onde ele estava abraçando o seu pai. Mostrou-lhe também as probabilidades. Se ele se sacrificasse, poderia salvar o mundo e seu pai. Se ele sacrificasse o pai, salvaria o mundo e a ele mesmo, tendo que viver com aquilo. E se ele sacrificasse os Cooper, se salvaria, salvaria o mundo e poderia ficar com o tão desejado pai.

Erk não teve muito que pensar, porque ele não estava aí. Ele absorveu toda a energia do lugar, transformando-o em sua própria energia. Isso significava que usaria essa energia toda e não acabaria vivo. Então ouviu-se um som macabro e a hipnose terminou. Todos eles ficaram sem saber o que estava a se passar. Marie e Trevor ficaram sem forças e desmaiaram ali mesmo. Sofrosine já não estava lá e Erk estava no chão, desacordado. Aparentemente parecia uma vitória da parte dos Descendentes da Noite, pois a hipnose terminara e já não havia porquê lutar.

Concluíram que cumpriram a missão e salvaram o Mundo. Mas, Erk já não estava desmaiado no chão, seu corpo havia desaparecido. Ninguém sabia onde estava, ninguém sabia o que ele fizera, excepto o Decoder.

NOTA

Você acha que as aventuras dos Descendentes da Noite acabou por aqui? Nós acreditamos firmemente que este não é o final, então fique atento!

Obrigado por nos ler!